

HELY DUTRA CABRAL DA FONSECA

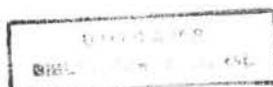
*AQUISIÇÃO DA CONCORDÂNCIA NEGATIVA (CN) NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB) COMO SEGUNDA LÍNGUA (L2)*

UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem

1999

9265166



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	111 AMP
	F233a
	Es.
RECOR. BC/	3840F
RECOR.	229/99
	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>
VALOR	R\$ 11,00
DATA	21/08/99
N.º CPD	

CM-00125597-3

HELY DUTRA CABRAL DA FONSECA

AQUISIÇÃO DA CONCORDÂNCIA NEGATIVA (CN) NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB) COMO SEGUNDA LÍNGUA (L2).

Dissertação apresentada ao Curso de Linguística do
Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profª. Dra. Mary Aizawa Kato

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

UNICAMP/1999

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
Biblioteca IEL - UNICAMP

Cabral da Fonseca, Hely Dutra

C118a Aquisição da concordância negativa (CN) no Português Brasileiro (PB) como Segunda Língua (L2) / Hely Dutra Cabral da Fonseca. – Campinas – SP. : [s.n.], 1999.
106 p.

Orientador: Mary Aizawa Kato

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Aquisição da linguagem. 2. Aquisição da Segunda Língua. 3. Gramática gerativa. 4. Princípios e Parâmetros (Linguística). I. Kato, Mary Aizawa. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU:801

Banca Examinadora

Prof. Dr. Juergen Meisel

Profª. Dra. Filomena Sandalo

Profª. Dra. Mary A. Kato

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Kely Dutra Cabral
da Fonseca

e aprovada pela Comissão Julgadora em
09 / 02 / 99.

Pro. MARY AIZAWA KATO

Dedicatória

A meus pais (*in memoriam*)

Diva Dutra da Fonseca e Joaquim Cabral da Fonseca

A meus filhos,

Maurício e Magno

Agradecimentos:

À Profa. Dra. Ilza Ribeiro, que, estando à frente do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, possibilitou a implementação do Intercâmbio entre Uefs/Unicamp, resultando no Mestrado em Linguística .

À Profa. Dra. Mary A. Kato , orientadora, que, com seu incentivo, contribuiu de forma decisiva para realização desse trabalho.

Ao Prof. Dr. Juergen Meisel pelo desprendimento em partilhar conosco os conhecimentos resultantes de suas pesquisas.

À Profa. Dra. Cecília Perroni, pelo apoio oferecido durante a realização desse trabalho.

Aos professores: Dra. Charlotte Galves, Dr. Sírio Possenti, Dra. Maria Luiza Braga, Dra. Esther Scarpa, Dra. Eleonora Albano, por terem contribuído para minha formação acadêmica durante o mestrado.

Às Dras. Charlotte Galves e Maria Aparecida Torres Moraes pelas sugestões e críticas na qualificação desse trabalho.

À Kirsten Wagner, informante, que contribuiu de forma positiva para a realização das gravações.

Às colegas Évila Oliveira, Marina Augusto, Fabiana Komesu, Carola Rapp e Gisele Reis pela solidariedade demonstrada.

A Carlos Bastos, Wilson Kawai, Eduardo Freitas, funcionários do Iel, e Rogério Novaes, jovem vizinho, que, pelo suporte em informática, desvendaram para mim os mistérios desse novo saber.

Devo agradecer, ainda, às instituições:

Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), por ter oferecido condições para a realização do mestrado em linguística.

CAPES, pela concessão de bolsa de estudos parcial;

UNICAMP, que me recebeu como aluna.

One of the fundamental things about research is that you have a map of where you're going. When you get there it's often easy to see how you did it, but on the way there it's often, well, inconclusive.

Ian Roberts*

* Roberts, Ian (1995). *2.7 Case and Word Order*. In: **Comparative Syntax**. Bangor:
University of Wales, 1995, p.183.

SUMÁRIO

	página
INTRODUÇÃO	
1. Objeto de Estudo	13
2. O sujeito da pesquisa	14
3. Objetivos deste estudo	16
4. A organização do trabalho	19
1 - FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DO PONTO DE VISTA DA AQUISIÇÃO	
1.1 - A aquisição de L1	19
1.2 - A aquisição de L2.....	21
1.3 – Aquisição e aprendizagem em L2.....	22
1.4 – Questionando o conceito de “transferência”.....	24
1.4.1. Minimal Tree Hypothesis	24
1.4.2. Full Transfer/Full Access	25
1.4.3. Valueless Features	25
1.5 – Pesquisas em L2 no Brasil	26
1.6 – Questões específicas da presente pesquisa em aquisição de L2	27
2 - A NEGAÇÃO E O FENÔMENO DA CONCORDÂNCIA NEGATIVA	
2.1 – Otto Jerpersen	28
2.2 - Martins (1997)	31
2.3 – As propostas de expansão de INFL	32
2.4 – NEG forte e CN	34
2.5 – A sintaxe da negação no Alemão	35
2.6 – A sintaxe da negação no Português do Brasil.....	40
2.7 – Resumo comparativo entre a negação do alemão e do português	47

3 – A AQUISIÇÃO DA NEGAÇÃO	
3.1 – Aquisição como marcação de parâmetro	51
3.2 – A Aquisição da negação em L1	59
3.3 – Aquisição da sintaxe da negação em L2	61
4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	
4.1 – Fase I	63
4.1.1 . Negação Sentencial na Fase I	65
4.2 – Fase II: Aquisição da Concordância Negativa	66
4.2.1 - Negação Sentencial na Fase II	67
4.2.2 - Concordância Negativa	69
4.3 – O “input” regional	71
4.4 – Interpretação dos dados	71
4.5 – Considerações teóricas	74
ANEXO I	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo no campo da aquisição da linguagem, abordando especificamente a Concordância Negativa (CN) no Português Brasileiro como língua estrangeira. A CN se insere no âmbito da negação das línguas românicas, constituindo-se num dos fatores que diferencia estas das línguas germânicas. O referencial teórico é fornecido pelo modelo de Princípios e Parâmetros em seus desenvolvimentos mais recentes quanto à aquisição de L2. É feita uma comparação da sintaxe da negação das línguas envolvidas: alemão e português brasileiro. Para o PB adotamos a posição de que há uma categoria ΣP que atrai NegP por força de seus traços de polaridade negativa. Para o alemão, seguimos a idéia de que NegP está em adjunção a VP. Dois aspectos comparativos foram examinados: posição de Neg e a presença ou ausência de CN. É em relação a esses dois aspectos que a evolução do sujeito em aquisição foi estudada.

Palavras-chave:

1. Aquisição de segunda língua
2. Princípios e Parâmetros
3. Concordância Negativa

AQUISIÇÃO DA CONCORDÂNCIA NEGATIVA (CN) NO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB) COMO SEGUNDA LÍNGUA (L2).

INTRODUÇÃO

1. Objeto de Estudo

Este trabalho se situa no campo da aquisição da linguagem. A base empírica consiste do estudo longitudinal de um caso da aquisição do Português Brasileiro (PB), como L2, por uma falante de alemão, em situação de imersão. O referencial teórico é fornecido pelo modelo de Princípios e Parâmetros, na versão da regência e ligação (Chomsky 1981, 1986).

O fenômeno a ser estudado é a aquisição da Concordância Negativa (CN)¹ e esta opção tem por base as observações feitas por Meisel (1996) sobre o fato de que a negação, embora não apresente problemas para aquisição na L1, apresenta dificuldades para falantes em L2. Esperamos que o sujeito de nossa pesquisa mostre alguma evidência quanto à existência e tipo de dificuldades.

¹ Def. Concordância Negativa: um processo sintático particular no qual uma língua permite a aplicação de dois termos negativos dentro da mesma sentença expressando uma propriedade semântica única: a negação. Berkes (1998). Tradução da autora.

2. O sujeito da pesquisa

Colabora com esta pesquisa uma falante que tem a língua alemã como L1, cujo primeiro nome é Kirsten, 32 anos, formada em filosofia e graduada também como professora de língua alemã pela Universidade de Humboldt em Berlim. A mesma chegou a Salvador/BA no mês de outubro de 1997, onde permaneceu até janeiro/98. Ao iniciar as gravações K já possuía algum conhecimento do português, sendo que havia estudado pelo sistema de troca de aulas com brasileiros residentes em Berlim, pelo período de 2 anos. Tem conhecimentos de inglês e francês. A primeira entrevista com Kirsten foi feita no dia 1º de novembro/97.

As gravações foram feitas semanalmente com duração variando entre 30 minutos e 1 hora.

Tivemos a seguinte distribuição de entrevistas:

<u>Datas</u>	<u>Encontro</u>	<u>Duração</u>	<u>local</u>	<u>lado da fita e contador</u>
01.11.97	1	30'	resid.Mestranda	1 A 343
07.11.97	2	30'	idem	1 B 343
14.11.97	3	30'	idem	2 A 324
05.12.97	4	30'	idem	2 B 374
12.12.97	5	1 hora	idem	3 A 349, 3 B 360
19.12.97	6	30'	idem	4 B 296
26.12.97	7	1 hora	idem	5 A 324, 5 B 327
02.01.98	8	1 hora	idem	6 A 323, 6 B 362
09.01.98	9	45'	idem	7 A 358, 7 B 205
16.01.98	10	1 h 15'	idem	7B 358, 8A 200, 8B 206

As transcrições das entrevistas totalizam 101 páginas e de acordo com o tema ficaram assim distribuídas²:

Entrevista 1 – país de origem, trabalho, língua alemã, família.

² Agradecemos à Charlotte Galves pelas sugestões sobre os temas das entrevistas.

- 2 – vida no Brasil, costumes, refeições, sistema vendas em lojas/livrarias, TV brasileira, planos para o futuro.
- 3 – Viagem para João Pessoa, Recife, cores, preços de alimentos no Brasil Sistema de ensino na Alemanha.
- 4 – Língua alemã x língua portuguesa, uso do *patronímico* em PB e em alemão. Visão dos alemães construída pelo cinema de Hollywood.
- 5 – Narrativa. Kirsten conta a história de Goethe, Dr. Faustus. Descrição de fotos, tarefas domésticas, escola.
- 6 – Verbos em português, comentário sobre o livro de Darcy Ribeiro “O Povo Brasileiro”, cantores baianos, comentário sobre os irmãos Grimm. Conto “Branca de Neve e os sete anões”.
- 7 - Comentário sobre a vida no Brasil, sistema dos correios, vida em Família, situação funcionalismo público na Alemanha e no Brasil.
- 8 – Situação ensino inglês em Salvador/Berlim, passeios em Salvador, novas amizades, comentários sobre língua portuguesa, pesos e medidas. Língua alemã – comentários.
- 9 – Uso dos verbos em português: pensar, acreditar, lamentar, relato de filme visto, pronúncia. A informante faz perguntas usando os pronomes interrogativos. Tema livre sobre vida em Salvador. Ida às cartomantes.
 - 10 – Estudando a sintaxe da língua alemã, ela faz uma exposição em português abordando: verbos, casos, negação, advérbios, pronomes, frases, gramática, oração subordinada. Comentário sobre a festa do Senhor do Bonfim. Continuação das informações sobre a gramática do alemão: o Uso do *não*.

Nas transcrições a identificação da Entrevistadora é feita pela letra “E” , a

informante é identificada pela letra “I”. Os exemplos utilizados podem ser identificados pela número da entrevista, página da transcrição, e linha respectivamente.

Ex. (11) Eu entende nada! (Entr. 2, p.25, l.32)

‘eu não entendo nada’

3. Objetivos deste estudo

Neste estudo pretendo descrever as diferenças entre a sintaxe da negação no alemão e no PB, usando autores que trabalharam no entendimento do fenômeno da variação na sintaxe da negação, e mostrar como K adquire a sintaxe da negação em L2.

Na literatura sobre negação, tem sido assumido que as palavras-n (n-words, Laka 1991), expressões como *nothing*, *nobody* e *never* e seus equivalentes em português: *nada*, *ninguém* e *nunca*, se comportam de forma diferente, conforme as línguas, podendo estas ser divididas em dois grupos: as de Negação Dupla (Double Negation, DN) como inglês e alemão, e as de Concordância Negativa (Negative Concord, NC) como acontece na maioria das línguas Romance (cf. Zanuttini, 1989/1995). Martins (1997) observa, no entanto, que na área da Semântica o termo “Dupla Negação” designa a interpretação positiva de dois itens negativos de uma sentença.

Em Alemão, como em inglês, línguas de DN, admite-se apenas um item negativo por sentença.

- (1) a. I smoke no cigarettes.
* ‘eu fumo nenhum cigarros’
b. I don’t smoke.
‘eu não fumo’
- (2) Heiko ist nicht zur Schule gegander
Heiko é não para escola ir
‘Heiko não foi para escola’

O fenômeno da Concordância Negativa (Zanuttini 1989) caracteriza –se pela presença de dois ou mais elementos negativos em uma mesma sentença, que são interpretados como uma negativa simples, como se pode verificar nos exemplos seguintes:

(3) Il n'a dit rien...

(4) Ele não disse nada.

Assim, conforme Zanuttini (1995) há marcadores negativos que estão relacionados aos verbos finitos, que se apresentam em dois tipos:

a) Marcadores pré-verbais que podem negar uma sentença inteira; caso em que precedem os verbos finitos. Espanhol, italiano, catalão, português, francês são línguas que admitem marcador negativo pré-verbal.

(5) Ele não escreveu.

b) Elementos que precedem o verbo finito, mas não podem negar a sentença inteira, precisam ocorrer juntamente com marcadores negativos pós-verbais, como acontece no francês.

(6) Jean n'aime *(pas) la viande.

'Jean não gosta de carne'

Em Peres (1996) encontramos explicações sobre as diferenças entre a negação no Português Europeu (PE), uma língua românica e o Alemão, uma língua germânica³.

³ Segundo Negrão (1998), a CN diferencia as línguas românicas das línguas germânicas que são línguas denominadas de Dupla Negação (DN), ou seja, aquelas que admitem a negação marcada apenas uma vez nas sentenças.

Segundo Peres o contraste tem sido estudado em relação às línguas CN, sendo que as línguas DN têm sido vistas como não problemáticas no que tange às estruturas, por serem consideradas como a opção não marcada. Essa colocação de Peres, quanto à opção não-marcada ser a DN é importante pois estaremos trabalhando com aquisição, em que tal hipótese pode ser testada.

Ao trabalhar com o fenômeno CN na língua portuguesa, e considerando o fenômeno DN da língua alemã, constatamos que, semanticamente assim como na sintaxe, a falante de nossa pesquisa deverá proceder a uma operação de aquisição da CN, inexistente em sua L1.

4. A organização do trabalho

A dissertação está organizada em quatro capítulos:

No Capítulo 1 apresentamos a formulação do problema do ponto de vista da aquisição, tanto da L1 quanto da L2, procurando mostrar a distinção que os autores fazem entre aquisição e aprendizagem e o que questionam como transferência. Algumas pesquisas em L2 no Brasil estão mencionadas, e questões específicas dessa pesquisa estão também explicitadas.

O Capítulo 2 mostra a forma de abordagem do estudo da negação por autores como Jespersen (1917), da gramática tradicional, para chegar até nossos dias com os estudos e hipóteses dentro da teoria gerativa que teve início com os estudos e publicações de Chomsky (1957).

O Capítulo 3 trata da aquisição da negação dentro da teoria dos Princípios e Parâmetros, procurando expor a noção de parâmetros, ao tempo em que mostra a problemática da aquisição da sintaxe de negação na L2. Questões sobre a aquisição da negação são também abordadas nesse capítulo.

No Capítulo 4 fazemos uma análise e discutimos os dados encontrados na amostra da informante, levando em conta o “input” regional assim como as afirmações encontradas nas hipóteses teóricas estudadas.

I. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DO PONTO DE VISTA DA AQUISIÇÃO

1.1. A aquisição de L1

A teoria lingüística proposta por Chomsky resultou no modelo de Princípios e Parâmetros, segundo o qual se afirma que o homem ao nascer já traz consigo uma gramática que é comum a todos os seres humanos, a GU, que engloba uma série de princípios universais, aos quais estão associados parâmetros que serão marcados pela experiência de acordo com variações possíveis nas línguas. O resultado dessa marcação de parâmetros produz diferentes gramáticas associadas às diferentes línguas. Essa abordagem, por ter demonstrado ser um modelo apropriado para a interpretação de dados empíricos, tem sido adotada para o desenvolvimento de estudos lingüísticos da aquisição.

Vários pesquisadores (cf. Lebeaux 1988, Radford 1990, Guilfoyle & Noonan, 1992), com base nesse modelo teórico, sugerem que a gramática da criança, nos primeiros estágios, não tem as categorias funcionais IP e CP. Desde então, muitos estudos, com base em observações de dados de aquisição, têm desafiado a afirmação de que a gramática da criança, nesse estágio, não tem as categorias funcionais (Pierce, 1992, Kato, 1996, entre outros). Encontramos como exemplo no francês o caso em que o verbo sobe para a categoria I (flexão) quando a sentença é finita e permanece em VP quando o modo é infinitivo, encontrando-se na posição da negação uma pista para se afirmar se há ou não a categoria I na gramática da criança. As frases “pas manger” e “mange pas” na fala da criança é indício da presença de I na estrutura. No alemão a criança produz a ordem SVO ou SOV nos estágios iniciais, mas na última o verbo está sempre na forma não finita, o que mostra que a criança sabe que o verbo flexionado no alemão está em I e não em V, na estrutura (Meisel, 1991). E, até hoje, parece haver pouco acordo sobre como a gramática da criança deve ser vista com relação a esse aspecto.

Essa falta de consenso se reflete na diversidade de visões que encontramos na literatura pertinente. Por exemplo, Meisel & Müller (1992) estudam crianças bilingües em francês e alemão e encontram evidências da existência de IP em estágios iniciais, mas não de CP. Por outro lado Nina Hyams (1992), usando evidências de suas pesquisas em

aquisição de italiano, inglês e francês, afirma que a criança tem todas as categorias funcionais, desde os primeiros estágios de aquisição, embora sub-especificadas.

Dentro desse quadro, portanto observam-se duas tendências, na proposta de Princípios e Parâmetros, que podemos identificar como: a dos **continuístas**, que postula que a criança apresenta, desde o início, uma estrutura sintática em conformidade com os princípios ou categorias que regem a gramática do adulto; para os continuístas a linguagem da criança é desde o princípio constrangida por princípios e pelo valor não marcado dos parâmetros (Hyams, 1986); a dos **maturacionistas** que postula fases na linguagem (quando a criança matura, a sua linguagem também matura), ligadas a certos princípios e fases, submetida a uma certa determinação biológica. Por esta visão, os princípios e categorias funcionais tornam-se disponíveis à medida que a criança cresce.

Radford se inclui entre os maturacionistas e, de acordo com esse autor, a criança na fase de aquisição passa por processos de desenvolvimento gramatical. Sendo, o primeiro, um estágio lexical (entre 18 e 24 meses), durante o qual elas estão começando a adquirir a gramática de categorias lexicais, mas não ainda de categorias funcionais. O segundo é o estágio que se estabelece por volta dos 24 meses em diante, durante o qual elas começam a adquirir a gramática das categorias funcionais.

Radford ressalta que são estágios e não idades, e que as crianças no estágio lexical ainda não adquiriram a gramática dos determinantes pronominais como: *a, the, this, that*; do genitivo *'s* ou do pronome de caso marcado como *I, me, my* e outras propriedades da gramática dos adultos. Em seu livro, que se intitula "Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax - The Nature of Early Child Grammar of English" (1990), afirma que no estágio lexical as crianças só apresentam quatro categorias lexicais NP, VP, AP, PP, não tendo uma gramática completamente desenvolvida. Os continuístas, por sua vez, afirmam que a fase léxico-temática oculta as categorias funcionais que podem ser detectadas por regularidades presentes na fala da criança. Esta afirmação é contrária à hipótese de Radford, para quem as categorias funcionais CP, IP, DP estão ausentes na fala da criança no processo de aquisição, porque nesta fase entre 18 e 24 meses, as crianças apresentam apenas mini-orações (small clauses), por não possuírem as categorias funcionais.

1.2 – A aquisição de L2

As duas interpretações observadas referem-se à aquisição de L1. Quanto à aquisição de L2, sabe-se que esta não depende de maturação biológica. O alvo principal é estabelecer de que gramática parte o falante para a sua aquisição.

No que se refere a adultos, a pergunta que se faz é: os adultos, que já passaram do período crítico para aquisição (13 anos de idade), teriam os princípios da GU ativos? E os parâmetros marcados para a L1 seriam remarcados para L2, ou o estado inicial S_0 estaria em posição “default” quanto a qualquer parâmetro, para estes serem marcados e formar um novo sistema gramatical para L2 independente de L1? Há transferência de sintaxe de L1 para L2?

As respostas para questões desse tipo podem se apresentar como as listadas abaixo:

a) Selinker (1972) analisa os erros em L2 como decorrentes da seqüência desenvolvimental da aquisição revelada pelo que ele chamou de Interlíngua.

b) Burt (1974) e Dulay et alii (1982) negam a influência de L1 sobre a aquisição de L2, com base em estudos experimentais com um grupo de crianças adquirindo inglês, como L2. Esses estudos concluíram que a transferência de L1 para L2 é virtualmente nula, com uma freqüência de menos cinco por cento. Consideram que os mecanismos cognitivos universais são a base para a organização de uma língua alvo, em aquisição, e que os mesmos princípios que determinam a aquisição de L1 também determinam a aquisição de L2. Através de estudos experimentais, essas autoras chegaram à conclusão de que há uma mesma seqüência desenvolvimental para uma língua como o inglês, seja adquirida como L1 ou L2. Este posicionamento está de acordo com a afirmação de Selinker registrada acima.

c) Contrariamente aos resultados de Dulay e Burt, Wode (1978), ao estudar crianças em fase de aquisição do inglês e alemão como L1 e L2 respectivamente, confirma haver uma

seqüência desenvolvimental (seqüência ordenada de estágios), mas discorda de que exista uma mesma seqüência de aquisição para L1 e L2. Wode sugere que os processos de aquisição de L1 e L2 são regidos pelos mesmos princípios da GU, os quais levarão os falantes a diferentes gramáticas. Porém, na comparação da aquisição do alemão e do inglês como L2, Wode mostra ter havido transferência a nível de sintaxe.

d) Rizzi (1988), interpretando resultados dos trabalhos de B. Schwartz e A. Tomaselli (1988), observa que os falantes começam com o parâmetro marcado no valor de sua língua nativa. No caso de falantes de línguas que têm núcleo inicial, ou seja, em que o verbo precede o objeto (VO), o auxiliar flexionado precede o verbo (Aux VP); a evidência conflitiva encontrada no "input" na aquisição da língua alemã (OV e VP Aux) teria requerido dos falantes a remarcação do parâmetro na posição de núcleo final. O que Rizzi observou é que a remarcação se operou primeiramente para o VP (OV). Só mais tarde a remarcação se estendeu ao nível de categorias funcionais, resultando em (VP Aux).

1.3 – Aquisição e aprendizagem em L2

Meisel (1991) estabelece, com base na existência de "triggers", a diferença entre aquisição e aprendizagem de uma língua. Aprendizagem requer exposição mais freqüente ao "input", possivelmente por um período maior de tempo, com exemplos salientes e não ambíguos. O "trigger" desencadeia a "aquisição", que difere da "aprendizagem". A aquisição acontece mais rapidamente, requer "input" menos freqüente e menos simplificado, e espera-se um padrão de desenvolvimento mais uniforme do que no caso da aprendizagem.

Krashen (1977, em Felix/87) estabelece a diferença entre essas duas categorias: aquisição, então, consiste em um processo totalmente inconsciente guiado por princípios naturais, enquanto que a aprendizagem, em um outro, que envolve operações mentais conscientes.

Felix (1987) argumenta que na puberdade dois sistemas cognitivos diferentes começam a competir e interferem no processo de aquisição de segunda língua. Durante

esse período a criança aprende a fazer operações mentais em um nível de representação puramente abstrato. Assume o mesmo entendimento de Chomsky (1981), quando este admite que a mente humana é essencialmente modular, e se refere a dois sistemas que competem internamente na mente do sujeito: 1) LS-system (language specific cognitive structures), comparável à noção chomskiana de GU; e 2) PS-system (problem solving cognitive structures), comparável ao esquema piagetiano de estruturas cognitivas para resolução de problemas. Por haver dois sistemas que competem entre si, na puberdade, o objetivo de atingir um nível de falante nativo em L2 fica comprometido. Felix menciona que o ensino tradicional de línguas estrangeiras se apóia amplamente na capacidade de resolução de problemas dos indivíduos, ao tempo em que apela para as propriedades formais da língua a ser aprendida, ou seja, recorre ao PS-system, convocando assim para a tarefa um sistema que não é o mais apropriado para tal, podendo impedir que se atinja o objetivo proposto, o que ocorre comumente.

No caso da informante desta pesquisa entendemos que a mesma possa ter se beneficiado tanto da "aprendizagem", já que recebeu instrução formal, quanto do processo da "aquisição", já que viveu a língua portuguesa exposta ao "input" natural no dia a dia pelo período de quatro meses.

Observa-se, a partir da literatura pertinente, que há hipóteses diferentes para a abordagem da questão da aquisição de língua estrangeira por adultos:

- a) A Hipótese da Construção Criativa, numa visão piagetiana, que nega o fenômeno da transferência de regras de L1 para aquisição de L2, considerando que ambas são regidas por Princípios Universais, não havendo diferenças entre os dois processos de aquisição. Dentro desta linha se situa a "Error Analysis" (Pit Corder, 1973) que, com base na teoria gerativa, demonstrou que erros em L2 são, na verdade, a revelação do fenômeno "criativo" no processo de aquisição das línguas, similar ao encontrado entre crianças durante o processo de aquisição de L1.
- b) A Hipótese de Marcação de Parâmetros, na visão chomskiana, apresentada por Flynn (1986) dentro do modelo de Princípios e Parâmetros, estudando crianças, afirma que quando em fase de aquisição de L2, a criança consulta a GU, via regras de sua já

adquirida L1. Flynn sustenta a hipótese de que parâmetros de L1 interferem na aquisição de L2, e, quando esses parâmetros não convergem, há um atraso na aquisição de L2, tempo necessário para haver a remarcação de parâmetros da L2.

1.4 - Questionando o conceito de “transferência”

A partir dos conceitos postulados por Chomsky na teoria gerativa, quando se questionou o conceito de “transfer” , houve maior interesse pela pesquisa relativa aos problemas de transferência de L1 para L2. Estes estudos têm sido o ponto de partida para se ampliar consideravelmente os conhecimentos das questões ligadas à aquisição de L2 em muitos aspectos. Segundo B. Schwartz e Lynn Eubank (1996), a exploração dos mecanismos de desenvolvimento da Interlíngua requer um entendimento de qual seria o estágio particular de onde se parte, isto é, necessário se faz conhecer qual é a forma precisa do estágio inicial para L2.

Considerando que o PB, a língua alvo, pode ou não apresentar o fenômeno da CN, e, considerando que o alemão, L1, não permite a CN, podemos prever, caso a L1 faça parte da L_0 , que haverá um estágio inicial da aquisição do português, como L2, em que o sujeito poderá aplicar a sintaxe da L1 para a L2. Se isto for verdade, podemos prever a total ausência de CN em sentenças que instanciarão tal concordância em línguas CN.

Encontramos, dentro dos estudos desenvolvidos na linha gerativa, três hipóteses quanto à L_0 em relação à aquisição de L2:

1.4.1- Minimal Tree Hypothesis. Vainikka e Young-Sholten (1996) argumentam que o que se transfere da gramática da L1 na aquisição de L2 se limita às categorias lexicais e sua orientação linear. Esta é uma visão de transferência fundamentada na distinção entre projeções funcionais e lexicais, uma divisão importante nas teorias correntes de sintaxe. Nesta abordagem a projeção inicial de sentença na aquisição de L2 é VP, com o sujeito em [Spec VP]; o desenvolvimento subsequente envolve a criação de projeções funcionais acima de VP no processo da aquisição, por exemplo, itens lexicais que mostram essas projeções funcionais.

1.4.2 - De acordo com a hipótese de "**Full Transfer/Full Access** de Schwartz e Sprouse (1996), o estágio inicial de aquisição de L2 é o estágio final de aquisição da L1 (excluindo-se as matrizes fonéticas dos itens morfológico-lexicais). Como o todo da gramática de L1, incluindo as projeções funcionais (especificadas na L1), as categorias funcionais definem o ponto inicial da Interlíngua. O desenvolvimento da gramática neste modelo é à prova de erros: "input" para o qual não se possa fazer uma representação nesta gramática forçará re-estruturação, com base nos princípios da GU. O caminho que o desenvolvimento da L2 toma é determinado, em parte, pelo estágio inicial, em parte pelo "input", em parte pelo aparato da GU e em parte pelas condições de habilidade de aprendizagem.

1.4.3 - Eubank (1994) mantém na sua Hipótese de "**Valueless Features**" que o estágio inicial contém toda a gramática da L1, exceto pelos valores fortes dos traços dos núcleos funcionais. A idéia principal de Eubank se baseia no fato de que a morfologia flexional visível não se transfere, nem tampouco os valores dos parâmetros dos traços que são definidos por essa morfologia. Eubank (1996) aborda o problema de como a gramática de L1 influencia o conhecimento de L2. Para Eubank o estágio inicial é, de fato, distinto das gramáticas de línguas naturais porque não há transferência de valores associados aos traços dos núcleos funcionais. A idéia geral é de que tais valores estão diretamente embasados nas informações provenientes do léxico, especialmente as flexões. Entretanto porque as flexões não se transferem da L1 para a gramática de L2, os valores desses traços desaparecem. São esses traços, destituídos de valor, que Eubank denominou de "inert", justamente o fator que diferencia a gramática inicial de L2 de uma gramática natural.

O resultado da existência desses itens não marcados, <inert>, ocasionam certos tipos de processos sintáticos, aparentemente opcionais, que não aparecem nas gramáticas de adultos. Desenvolvimentos subseqüentes envolvem a aquisição da morfologia flexional que direciona os valores apropriados de L2. A hipótese de "Valueless Features" ('traços não especificados') distingue parâmetros que dependem das flexões presentes no "input", como é o caso do parâmetro de ordem de palavras, dos parâmetros que não dependem de exemplos lexicais específicos da língua.

1.5 – Pesquisas em L2 no Brasil

No Brasil, entre as poucas pesquisas que trabalham na linha de Princípios e Parâmetros, temos:

f) Cyrino (1988), que conclui, pelos resultados obtidos em sua pesquisa sobre a atuação do princípio da categoria vazia (ECP), que há acessibilidade à GU para adultos que aprendem uma L2, ao menos em relação a este fato;

g) Gonçalves (1997), que, em sua tese de Mestrado sobre aquisição do PB por crianças japonesas, posiciona-se contrariamente a Dulay e Burt no que tange à afirmação de que a transferência não é uma fonte importante de erros na sintaxe de L2. Gonçalves fornece contra-exemplos com frases de um falante que apresenta o fenômeno classificado como erro na ordenação dos constituintes.

(1) Ex. [pode] grama pintá?⁴ (Pode pintar a grama?)

No exemplo acima, observa-se que o falante de japonês com 7 anos de idade, em estágio inicial de aquisição do PB, ainda não havia marcado o parâmetro para o valor "head first" do constituinte frasal do português;

h) Neide Gonçalves (1998), que trabalha com a aquisição de espanhol por falantes de português, estudando a aquisição dos clíticos do espanhol, observou que há certa insensibilidade aos dados do "input", registrando a presença de estratégias empregadas pelos falantes que aproximavam a gramática da interlíngua à gramática de L1. Observou a presença de estratégias de evitamento (avoidance) e de estratégias como a da supergeneralização livre e da distorção de regras de L2.

⁴ Exemplo apud Gonçalves (1997:38)

1.6 – Questões específicas da presente pesquisa em aquisição de L2.

Quanto ao estágio inicial da gramática de L2, pretendo verificar, para o fenômeno estudado, as seguintes questões:

- a) a gramática emergente de K sugere que o estado inicial de sua L2 é a gramática do alemão ou a gramática “default”?
- b) o desenvolvimento da negação de K em L2 apresenta semelhanças com a aquisição da negação por crianças brasileiras?
- c) como se dá a aquisição da posição de Neg e da CN?

Antes de responder a estas questões, estudaremos no capítulo seguinte, as propostas relativas à gramática da negação no alemão e no PB.

2. A NEGAÇÃO E O FENÔMENO DA CONCORDÂNCIA NEGATIVA

2.1. Otto Jespersen

O fenômeno da negação tem sido objeto de muitos estudos. Dentro de uma visão tradicional O. Jerpersen (1917), através de estudos feitos sobre a evolução da negação das línguas do mundo, revela-nos fatos interessantes sobre a ordem dos itens negativos nas sentenças. O primeiro fato observado é a tendência natural de se colocar a negação em início de sentença por questões de clareza: o falante, de início, precisa explicitar sua intenção assertiva, a negação. Logo em seguida nota-se o enfraquecimento desse advérbio inicial, tornando-se em seguida insuficiente. Como consequência desse fenômeno aparece a necessidade de reforço da negação, o que é feito por meio de alguma palavra adicional, que, em seguida, é considerada como a negação legítima e pode, então, com o passar dos anos, ficar sujeita ao mesmo processo que deu origem a seu surgimento.

Segundo Jerpersen, há razões específicas para que esse processo se dê. O item de negação muito freqüentemente é pouco acentuado, porque alguma outra palavra na mesma sentença recebe o acento de contraste, ou acento primário. O uso principal de uma sentença negativa é contradizer ou apontar um contraste. A idéia de negação, que é muito significativa, é feita de forma acentuadamente dependente de alguma outra noção, e como isso ocorre constantemente, o item de negação torna-se uma mera sílaba proclítica ou , até, menos que uma sílaba, se cliticizando a alguma outra palavra.

A incongruência entre o que se quer dizer e a forma usada para se dizer é apontada por Jerpersen, no caso da negação, pela insignificância formal da negação oposta à importância semântica daquilo que se quer dizer. Por esta razão talvez, o falante até pelo receio de que o ouvinte não perceba a negação, sinta-se compelido a inserir alguma coisa para tornar o significado perfeitamente claro para o outro.

Outra tendência observada é a de se colocar a negação antes do item que se quer negar, freqüentemente antes do verbo.

frequente e ocorreria com a negação em início de sentença. Os exemplos citados são os casos de:

- (1) Morning⁵, por Good morning, em inglês.
- (2) Tag, por Guten tag, em alemão.

A relação das três tendências: enfraquecimento, fortalecimento e apagamento, levam a diferentes desenvolvimentos da negação em diferentes línguas. Em latim, por exemplo, temos sentenças como:

- (3) *ne dico.*

Ne também entra em combinações como: *neque, neuter, nunquam, nemo, ne... quidem, quin*, etc. *Ne* também é usado como conjunção em sentenças subordinadas, e também como partícula interrogativa em *seis-ne?* “Você sabe, *não sabe?*”. Porém, acontece de *ne* ser considerado tão fraco que houve a necessidade de reforço pela adição da palavra *oenum* (uma coisa), o resultante *non* torna-se o advérbio usual para a negativa e como *ne* é geralmente colocado antes do verbo.

- (4) *non dico.*

No francês antigo, *non* se torna *nen*, como em *nenil* (não ele), *nenni* (não ele, neutro), que com o enfraquecimento fonético temos:

- (5) *jeo ne di.*

Esta forma de expressão negativa sobrevive no francês literário com algumas combinações como: *je ne sais, je ne saurais le dire, je ne peux, n'importe*. Mas, como na maioria dos casos, o segundo *ne*, como o primeiro, tornou-se fraco e um fortalecimento da negativa se fez sentir, embora que de forma diferente, por uma adição depois do verbo,

separado de *ne*, de alguma palavra como *mie* (uma migalha), *point* (um ponto), ou *pas* (um passo):

(6) je ne dis pas (ou: je n' dis pas).

Mas o processo não parou aí, o fraco *ne* e *n'* desaparecem, em francês coloquial, e, então, encontramos:

(7) je dis pas.

Em inglês o desenvolvimento tem sido similar, embora com diferentes resultados, devido a mudanças que ocorreram no período do inglês moderno. O ponto inicial, como em outras línguas, foi:

(8) ic ne secge (no Old English).

A forma de (8) prevaleceu no inglês antigo, mas pelo processo já mencionado, houve necessidade de reforço, o que foi feito pela adição da palavra *noht* (nada) geralmente colocado depois do verbo. E assim obtemos em Modern English:

(9) I ne seye not.

Em (9) *ne* era pronunciado quase que sem acento, sendo que desapareceu de uma vez, tornando-se o *not* a negativa regular para todos os casos.

(10) I say not.

Este ponto, do desaparecimento de *ne* e uso exclusivo de *not* foi atingido no século quinze. Até aí o desenvolvimento da língua inglesa é o mesmo apresentado pela língua alemã. Em alemão encontramos durante o mesmo período um desenvolvimento paralelo: estágio (1) *ni* antes do verbo, depois estágio (2) *ne*, geralmente enfraquecido em

⁵ Exemplos apud Jerpersen (1917:6) (op.cit.)

n- ou *en* antes de *niht* depois do verbo; *niht* é o que corresponde à forma do inglês *not*; e finalmente estágio (3) *nicht* sozinho. Estas ocorrências se realizaram quase que na mesma época nas duas línguas. O que ocorre é que a língua alemã permanece no mesmo estágio de desenvolvimento alcançado no final da Idade Média, quando *ne* e *en* fracos começaram a desaparecer, e assim, a negativa continua na posição pós-verbal. Encontramos algo similar no francês coloquial *pas*, mas *pas* (quase nunca) se separa do verbo por tantas palavras como ocorre com o item negativo em alemão.

2.2. Martins (1997)

Ana Maria Martins (1997), retomando outros autores e desenvolvendo estudos latinistas, demonstra que, no latim clássico, palavras como *nemo* 'ninguém', *nullus* 'nenhum', *nihil* 'nada' funcionavam, por si sós, como marcadores negativos visíveis em instâncias de negação proposicional. Da co-ocorrência desses itens com outro item negativo resultavam proposições afirmativas.

(1) *Nunquam nihil* agit.⁶

‘Está sempre a fazer alguma coisa’

No latim vulgar, porém, já se encontram estas palavras co-ocorrendo com outros itens negativos em sentenças que resultavam em interpretação negativa. Esta construção, conhecida como "dupla negação", é encontrada em autores como Plauto (séc.III-II a.c.) e Petrónio (séc.I d.c.) bem como em fontes não literárias.

(2) *Neminem nihil* (mulieribus) boni facere oportet .

‘Ninguém deveria fazer(-lhes) nada (de) bom’

A situação atual parece ter sido estabelecida a partir do século XIV, embora houvesse casos em que esta não se definia claramente. No presente, a "dupla negação" em romeno, por exemplo, tem caráter obrigatório, o que demonstra, segundo a autora,

⁶ Exemplos apud Martins (1997: 1, 4)

uma evolução que se opõe ao sentido da mudança registrada em grande número nas línguas românicas. O romeno, portanto, continua a usar, como se fazia no período medieval, o marcador de negação predicativa com os indefinidos negativos pré-verbais.

(3) *Nimeni nu a venit.*
 ‘ninguém veio’

Em português indefinidos negativos pré-verbais ocorrem isoladamente.

(4) Ninguém fez isso.

Diferente dos indefinidos, o advérbio temporal *nunquam*, não ocorreria em "dupla negação" no latim vulgar. Porém, A. M. Martins não trata da evolução da palavra "nunca" em seu artigo. Trata da questão da polaridade modal (Bosque, 1996), apontando dois casos particulares: a polaridade modal e a polaridade negativa. Enquanto os itens lexicais de polaridade negativa são legitimados em contextos negativos, os itens lexicais de polaridade modal são legitimados em "contextos modais". Para Bosque a polaridade é um tipo especial de concordância de traços com restrições gramaticais uniformes.

Segundo Martins, levando em conta a proposta de Bosque (1996), que trata da questão da polaridade modal, pode-se admitir, que nos romances medievais, palavras que deram origem a *nenhum*, *nada*, *ninguém* eram itens de polaridade que não impunham restrições quanto à natureza negativa ou modal. Podiam ser legitimados em contextos negativos quando, então, adquiriam interpretação negativa, ou em contextos modais, em que estariam associados a uma interpretação positiva.

2.3 - As propostas de expansão de INFL

Dentro da teoria gerativa, anterior a Pollock, na tese de P&P, INFL era composto de dois conjuntos de traços (Aspect, Tense em Chomsky, 1981). Pollock (1989) propõe que sejam esses conjuntos de traços transformados em categorias, AGR e T,

proporcionando um aumento de posições disponíveis. Os nódulos AGR e T passam a ter duas posições disponíveis em vez de uma.

Pollock (1989) defende a existência da categoria funcional Neg projetando NegP. Dentro da hipótese 'Split-Infl', segundo a qual INFL é decomposto em duas categorias independentes, AgrP e TP, NegP pode ocupar a posição entre esses dois sintagmas (Pollock, 1989); Zanuttini (1989; 1991) propõe que NegP domine ambas as projeções. É possível que a posição de NegP, em vez de ser universalmente a mesma, seja o resultado de opções parametrizadas da GU, como propõe Ouhalla (1991).

Zanuttini (1994) propõe duas projeções sintáticas para as frases negativas; uma projeção lexical NegP, onde serão gerados o marcador de negação proposicional e os indefinidos como *nenhum, nada, ninguém*. Outra projeção de caráter funcional PolP, cujo núcleo contém traços de polaridade negativa. Esses traços deverão ser checados por um elemento lexical apropriado, contendo traços idênticos aos de Pol. Os traços podem ser fortes ou fracos, o que determina que a checagem de traços seja feita antes ou depois do Spell-Out (Chomsky, 1993, 1995). Nas línguas onde os traços de Neg são fortes um elemento lexical negativo deverá ocupar o domínio de PolP na sintaxe visível. Esse elemento poderá ser o marcador de negação predicativa, gerado em núcleo de NegP ou uma palavra negativa gerada na posição de Spec de NegP, em que o núcleo de NegP é vazio. O verbo sobe para uma posição abaixo de I, a ordem neg+V será gerada. As línguas românicas antigas tinham essa característica, modernamente conservada pelo português, galego, castelhano, catalão, italiano (padrão) e o romeno. Em contraste a essas línguas citadas, há línguas românicas em que os traços Neg de Pol(aridade) são fracos (dialetos italianos setentrionais), que constroem frases com a ordem V+neg, pelo fato de que o movimento do item negativo, para o domínio de PolP (para checar traços), não ocorrer na sintaxe visível. Em alemão, embora se justifique o movimento de V para Comp, um fenômeno de Língua V2, podemos pensar que V+ Neg, nessa língua, resulta de traços fracos de V em Comp que não atrai a negação, tal qual acontece nos dialetos italianos setentrionais.

2.4. NEG forte e CN

Dissemos, na Introdução que há marcadores negativos que estão relacionados aos verbos finitos, que podem ser de dois tipos:

a) Marcadores pré-verbais que podem negar uma sentença inteira, caso em que precedem os verbos finitos. A exemplo do espanhol, italiano, catalão, português, francês que são línguas que admitem marcador negativo pré-verbal:

(1) Ele não escreveu.

b) Elementos que precedem o verbo finito, mas não podem negar a sentença inteira, precisam ocorrer juntamente com marcadores negativos pós-verbais, como acontece no francês e outras línguas românicas:

(2) Jean n'aime *(pas) la viande.

‘Jean não gosta de carne’

Para Haegeman e Zanuttini (1991, apud Martins) as línguas do tipo (a) acima pertencem a um grupo "forte", com relação ao marcador negativo. NEG forte instancia CN (Concordância Negativa). Línguas do tipo fraco, não possuem núcleo forte o suficiente para preencher o núcleo de NegP; esse item negativo poderá ocupar o Spec de T, por exemplo. Nestas línguas se houver ocorrência de duas palavras negativas numa sentença, esta é interpretada como uma negação dupla, com equivalente semântico de uma afirmação.

Para as autoras acima mencionadas o Spec do núcleo de NegP deve poder ser ocupado na FL por advérbios e quantificadores negativos, resultando, dessa configuração, a eliminação de negativas possibilitando que a sentença seja interpretada com apenas uma negação. A posição Spec de Neg deve alojar o quantificador negativo e o núcleo de NegP deve alojar o marcador negativo. Seguindo em paralelo ao critério WH de Rizzi (1990) as

(5) Dann geht Heiko heute nicht in die Schule. 'Então Heiko não vai para
Então vai Heiko hoje não para escola escola hoje'

(6) Dann kriegt Heiko dieses Fahrrad nicht. 'Então Heiko não consegue esta
Então consegue Heiko esta bicicleta não. bicicleta'

Nos exemplos [1 a 6] podemos observar que, em alemão, o elemento negativo aparece sempre à direita de VP:

Alemão

$V_{[fin]} + \text{Neg}$

Em português, observando a tradução correspondente dos exemplos citados, temos:

Português

Neg + V

Portanto, observando as estruturas superficiais de alemão e de português, podemos prever que, se houver transferência de sintaxe de L1 para L2, haverá inversão [V+Neg] nas frases em português.

Na teoria de Princípios e Parâmetros, temos a análise de Meisel (1997), que pressuporemos neste trabalho. Esse autor assume os seguintes pressupostos da literatura:

- a) existe a categoria funcional Neg projetando NegP (Pollock, 1989),
- b) que pelo menos para o Romance e as línguas germânicas, a posição estrutural de NegP é sempre a mesma, imediatamente acima de VP⁸;
- c) *nicht* está em adjunção a VP e não no núcleo de NegP.

⁸ Segundo o autor a posição estrutural deste nóculo gera controvérsias. A análise padrão é a de que NegP imediatamente domina VP. Porém, dentro da hipótese 'splitINFL', segundo a qual INFL é decomposto em duas categorias independentes, AgrP e TP, caso em que NegP pode ocupar a posição entre essas duas projeções (Pollock, 1989). Zanuttini (1989; 1991) propõe que NegP domine ambas projeções. Por outro lado, segundo Ouhalla (1991), é possível que a posição de NegP em vez de ser universalmente a mesma, seja o resultado de opções parametrizadas da GU.

Segundo Meisel, em relação ao terceiro ponto, duas análises têm sido sugeridas. Na primeira *nicht* ocupa a posição de Spec de NegP (Grewendord, 1990); na segunda *nicht* é adjungido a VP (Ouhalla, 1991). A última proposição parece ser mais coerente com a distribuição de elementos no alemão do adulto, como também para a gramática das crianças, pois o que se observa é que, em muitos casos, *nicht* não é colocado adjacente ao verbo finito. Isso sugere que *nicht* não é o núcleo de NegP.

Fatos históricos, segundo o autor, indicam que as construções negativas no Alto Alemão (High German) assemelham-se àquelas do francês moderno. A partícula negativa (*ne, en, in, -n, n-*) precede imediatamente o verbo e é cliticizada ou ao verbo ou ao elemento precedente. Exemplos apud Meisel:

- (1) a. *vor dem tage enmohten sie .*
 bei tage Neg sie
 ‘durante o dia eles não poderiam fazê-lo’
- b. *Ichn gewan nie liep noch ungemach.*
 Ich-Neg bekan nie Liebe noch Lied
 ‘Eu não ganhei nem amor nem dor’

Sobre o fenômeno da dupla negação, Meisel aponta que no alemão antigo um elemento podia ser acrescentado para enfatizar o significado negativo da sentença. Esse item negativo adicional era derivado de um advérbio ou nome ao qual a partícula negativa era incorporada. Por exemplo, *nicht* ('não') <*nicht, nie* ('nunca') < *ne + eo* (Neg + 'sempre'). Outra possibilidade de reforço negativo consiste em adicionar um nome que expressa uma quantidade ou qualidade, como em: *ein blat* ('um chumbo'), *eine bône* ('um feijão'), *ein hâr* ('um cabelo'). Esse tipo de recurso é também usado em outras línguas⁹, como podemos ver:

⁹ Podemos pensar, no Português Brasileiro, em expressões como “bolhufas” e “patavina”:

- (i) Não ganhei “bolhufas”.
 (ii) Não entendo “patavina” de chinês.

(2) *Ne vorhtent eine bône uns.*

Sie Neg fürchen nicht eine Bohne uns.

‘Eles não nos temem de forma alguma’ (lit= por um feijão)

Já no século doze, a dupla negação tornou-se obrigatória, exceto por um pequeno número de verbos, *tuon* ('fazer') *wizen* ('conhecer') e os verbos modais.

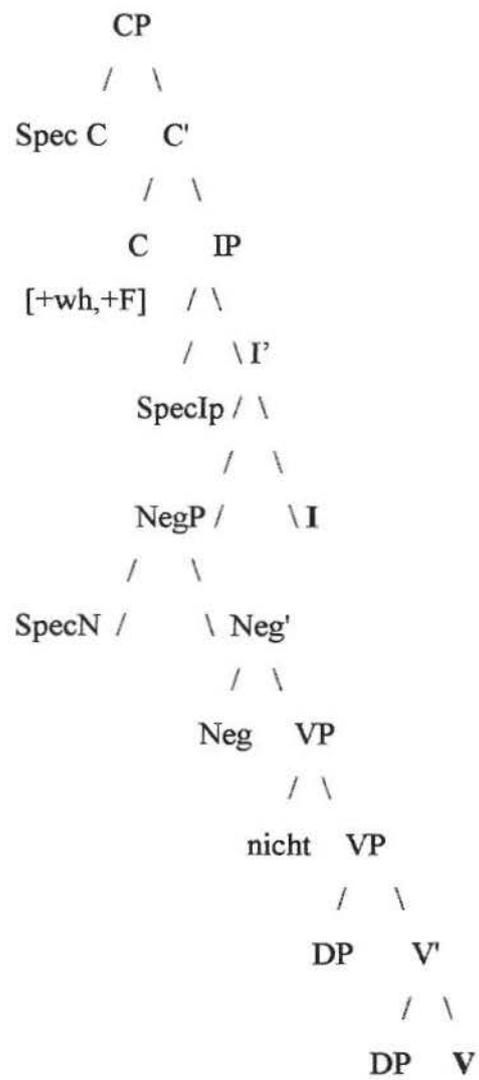
Esses estudos levaram Meisel a propor a derivação de uma sentença negativa do francês, comparando-a com a derivação do alemão.

Da mesma forma que Zanuttini (1989)¹⁰, mas colocando NegP acima de VP, Meisel propõe, para o francês, que o sujeito, que é gerado na posição de Spec de VP, terá que se mover para Spec de IP, ocasião em que receberá caso nominativo, e o verbo finito sobe para Neg e [Neg+V] subseqüentemente para INFL. *Ne* é então cliticizado ao verbo finito, como foi sugerido por estudiosos como Pollock (1989) e Belletti (1990). Esta análise captura o fato de Neg estar relacionado com o elemento finito. Em línguas com negação pré-verbal, como espanhol e italiano, o item negativo (*no* ou *non*) ocupa a mesma posição do francês *ne*, e a mesma análise se aplica, isto é, o item negativo é cliticizado ao verbo finito e move-se para Infl. Essas línguas diferem do francês padrão porque lhes falta o elemento correspondente ao do francês *pas*. O status sintático de *pas* é um ponto de controvérsias. Pollock (1989), por exemplo, argumenta que *pas* é gerado em SpecNeg, enquanto Zanuttini (1989) interpreta a expressão adverbial adjungida à projeção máxima dominada por NegP. O que realmente importa para a tese de Meisel é que *pas* não se move enquanto [*ne* + V_{fin}] é alçado para Infl. Ambas as análises concordam com esse aspecto. Assim, dando conta do fato de que o verbo finito sempre precede *pas* na ordem de superfície, e o verbo não finito assim como o objeto segue *pas*.

Uma das diferenças principais entre o alemão e as línguas Romance é que a maioria das categorias, em alemão, tem núcleo-final. O verbo finito é alçado até COMP, onde ocupa a segunda posição (efeito V2), uma vez que uma projeção máxima (o sujeito, um objeto ou um advérbio) deve ocupar Spec de CP. O traço [+Fin] marca a posição para onde o verbo finito se move, como se verifica na ilustração da página seguinte:

¹⁰ Zanuttini (1989) argumenta que NegP deve dominar TP e AgrP.

Alemão:

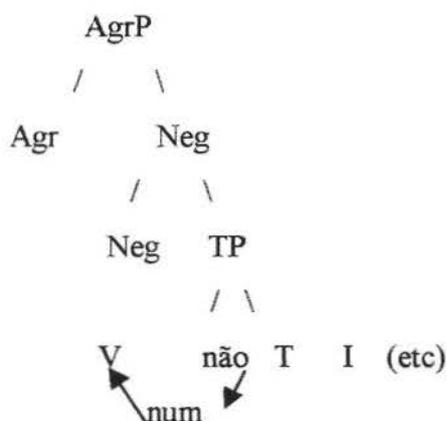


2.6. A sintaxe da negação no Português do Brasil

Diferentes pesquisadores [Galves (1994), Mioto (1991), Figueiredo (1996)] adotam diferentes posições face a essa questão¹¹. Vejamos alguns desses posicionamentos:

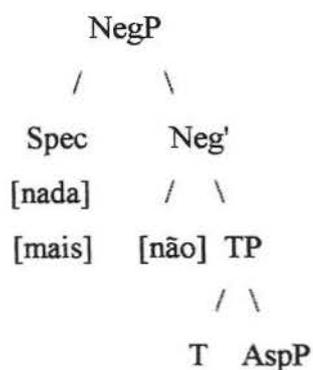
Para C. Figueiredo (1996), pela posição dos advérbios, pode-se postular duas possibilidades para NegP em PB:

Ou temos:



Em que 'não' se cliticiza ao V em T para obtermos a ordem Neg+V; nesse caso 'não' não recebe o acento primário e torna-se 'num'.

Ou temos:



(1) não tinha falado¹²

¹¹ Alguns lingüistas sugerem que, como consequência de línguas em contato, a sintaxe do Português Brasileiro teria sofrido influência de línguas indígenas que têm a negação como último elemento na frase.

¹² Exemplos apud Figueiredo (1996:57).

A estrutura acima pode gerar também:

- (2) Nada mais tinha falado.
- (3) Nada tinha falado.
- (4) Não tinha falado.

A autora examina alguns exemplos de concordância negativa no PB observando a posição de palavras-n e da partícula 'não' em sentenças simples:

- (5) O Paulo não disse nada.

Neg + V_[fn]+ palavra-n

Se a palavra-n antecede o V, o 'não' fica impedido de ocorrer.

- (6) João nada viu.

IN + V_[fn]

Se a palavra-n aparecer depois do V, o 'não' é obrigatório.

- (7) Maria não viu ninguém

Neg + V_[fn] + IN

Segundo estudos de Mito (1991) sobre a negação em PB, podemos ter a seguinte representação para o Português Brasileiro (PB):

Ocorrências do tipo (10) abaixo podem funcionar como "reforço" de negação em sentenças declarativas.

(10) Ela **não** veio **não**.

Ou como um resposta negativa a perguntas:

(11) F1: Ele veio?

F2: Veio **não**.

Mioto mostra, ainda, que no uso regional do nordeste brasileiro há construções do tipo:

(12) F1: Você não sabia que eu vinha?

F2: Sabia **não**.

(13) F1: Ele foi?

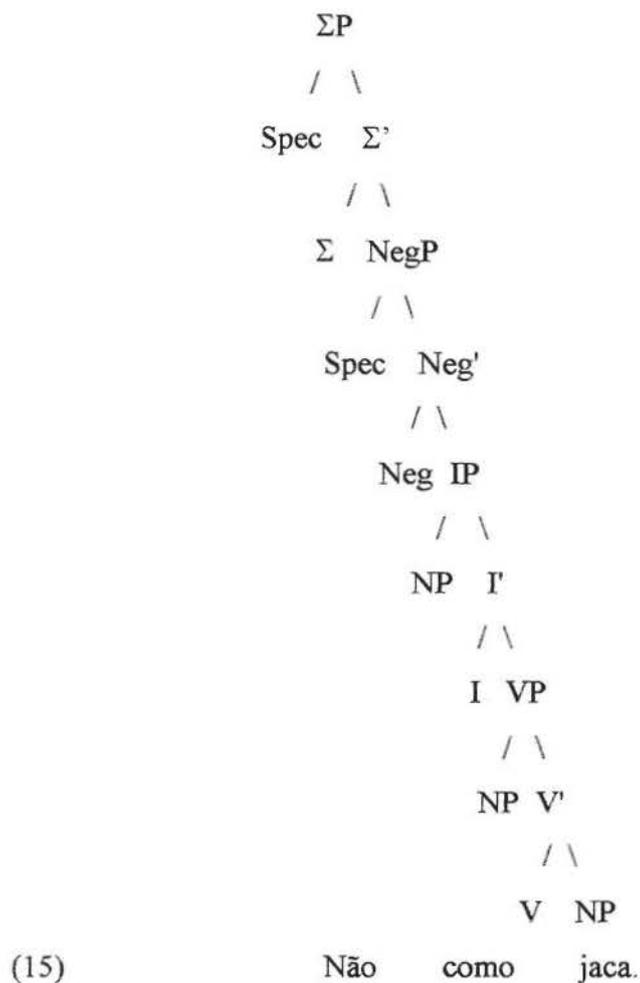
F2: Foi **não**.

Por outro lado, encontramos no PB expressões com Neg pós VP.

(14) Como jaca **não**.

Partindo de uma adaptação da configuração proposta por Oliveira (1996)¹³ para a sintaxe do PB/padrão podemos supor que, neste caso, temos uma estrutura como a que segue:

¹³ Em Mioto a categoria funcional é CP e não ΣP.



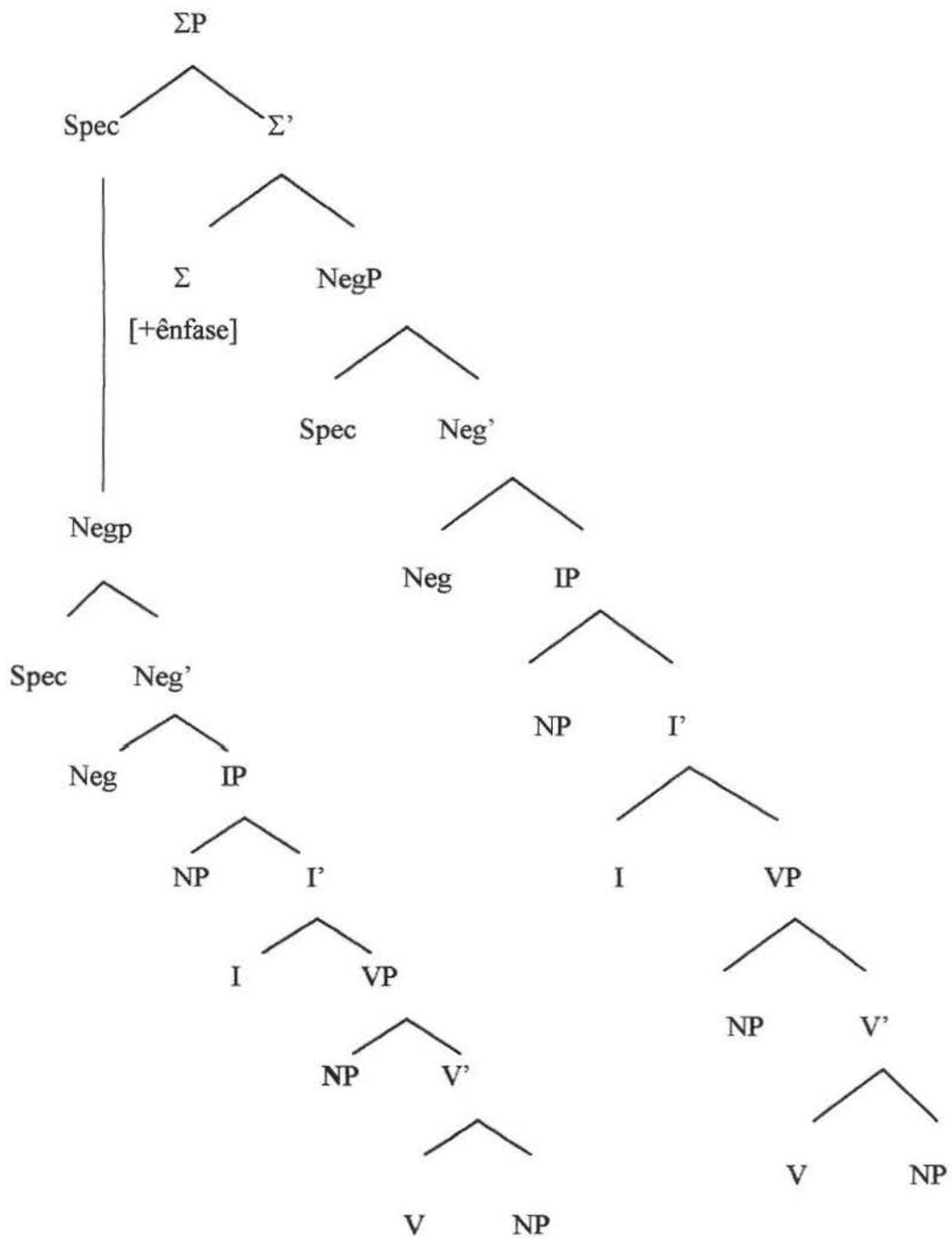
Podemos assumir um movimento da categoria funcional NegP para ΣP , que se processa por atração dos traços de modalidade de asserção negativa contidos em ΣP (categoria funcional proposta por Laka, 1990).

E, de acordo com a proposta de Oliveira (1996), para quem

1. a partícula sim/não do PB é um elemento nuclear;
2. o verbo quando está em ΣP pode ser seguido de um elemento que o modifica negando ou asserindo;
3. acontece elipse de elementos frasais,

obtemos a estrutura representada a seguir:

(16) [ΣP (não como jaca) (não)] [IP (não_t como_t jaca_t)]



(17) [(Não como jaca) (não)] [(não_t como_t jaca_t)]

Cabe salientar que esse “não” realizado é um tipo de vestígio morfológico que mostra que a sentença negativa subiu para uma projeção superior, supostamente Spec Σ . E, assim, admitindo ter havido elipse do “não” inicial (Oliveira, op.cit.) temos a estrutura abaixo:

(17b) [(como jaca)] [(não)]

que é a representação de:

(18) Como jaca não.

Oliveira (1996), analisa esse fenômeno como sendo de movimento de IP para Spec de Σ P, projeção acima de Ip, onde se encontram as partículas *sim/não*, na análise de Laka (1990). A contraparte positiva seria:

- (19) a. Como jaca, sim.
b. Ele come jaca, sim.

Portanto, encontramos a inversão de Neg no PB, resultando na forma:

VP/IP + Neg

À primeira vista é o que parece acontecer com as sentenças abaixo expressas por nossa informante:

- (20) ... mas aqui é **não**, é **não**, tem **não** comparação. (pág.23, l.16)
'... mas aqui não é, não é, não tem comparação'

Podemos acrescentar, ainda, que nos exemplos [10 a 14] temos um padrão de entonação com a presença de *não* em final de sentença (#), enquanto que em (20) temos

outro processo: o *não* apresenta um padrão diferente de tom final, ou seja, não descendente. Portanto a construção deixa de ser reforço de negação de uso regional, não sendo gramatical na língua portuguesa.

Observamos que o exemplo (20) mostra a estrutura $V_{[fin]}+Neg$, construção própria da L1 e não do “baianês”. A diferença está clara porque na L1 (alemão) Neg é pós-verbal e na L2 (português baiano) como mostram os exemplos (10 a 14) Neg é pós-predicado ou pós-sentencial.

2.7. Resumo comparativo entre a negação do alemão e do português

A)

1. PB não apresenta variação entre principal e subordinada. A negação é sempre pré-verbal.

(16) Ele não foi porque não pôde.

2. O alemão apresenta assimetria entre principal e subordinada.

Como V sobe para Comp na principal, a negação é pós-V+finito na principal. Como na subordinada o V+ finito não pode subir para COMP, que se encontra preenchido, a negação é pre-V+finito.

(17) Sie darf nicht heiraten, weil sie nocht nicht volljährig ist;

Ela pode não casar porque ela ainda não de maior é.

‘Ela não pode se casar porque ainda não é maior’.

B)

1. No PB, como o V+finito pousa em I e aí fica e não se cliticiza ao verbo, nada interrompe a adjacência entre a negação e o V+finito.

(18) Ela não considera o Pedro inteligente.

- 2 a. No alemão, como na oração matriz o V+finito sobe para Comp passando por cima do Spec de I, V+finito pode estar não-adjacente à negação. Se o sujeito sobe para Spec de CP, o V+finito pode estar adjacente à negação.

(19) Ich möchte nicht dich sehen sondern deinen Bruder.

Eu quero não você ver e sim teu irmão.

‘Não é a você que eu quero ver e sim a teu irmão’

(20) Das buch habe ich nicht gekauft.

O livro tenho eu não comprado.

‘Eu não comprei o livro’

- 2 b. Na subordinada, como a ordem dentro do VP é SOV e o sujeito sobe para Spec de I, a negação que se encontra pré-VP não fica adjacente ao V se houver algum complemento. Se o verbo for intransitivo, haverá adjacência.

(21) a) Weil die kinder nicht na den Strand gehen wollten, sin wir

Porque as crianças não para a praia ir queriam \emptyset nós
sim Hotel geblieben.

No hotel ficamos

‘Porque as crianças não quiseram ir à praia, nós ficamos no hotel’

b) Es ist dunkel, weil die Sonne nicht scheint.

\emptyset está escuro porque o sol não brilha.

‘Está escuro porque o sol não brilha’

C)

1. Quando há presença de V+palavra-n em posição pós-verbal, o PB tem obrigatoriamente CN.

(22) Não vi ninguém lá.

2. Quando há presença de palavra-n, o alemão não apresenta a presença de *nicht*.

(23) Ich habe niemnd dort gesehen.

Eu tenho ninguém lá visto.

‘Eu não vi ninguém lá.’

D) O PB, em aquisição pelo sujeito da pesquisa, é uma variante regional (PBB- Português Brasileiro Baiano) que apresenta negativa de reforço (Míoto, 1991) analisado por Oliveira (1996), como subida de IP para Spec de Σ , o que, às vezes, pode produzir padrões superficiais idênticos aos do alemão:

- negação pós-verbal aparente

(24) Vou não.

- aparente ausência de CN:

(25) Gosto nada.

3. A AQUISIÇÃO DA NEGAÇÃO

3.1 – Aquisição como marcação de parâmetro

Na visão de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1986), a gramática universal (GU) provê à criança um número de princípios universais, invariantes nas línguas, e um conjunto de parâmetros de variação. Em ambos os casos, eles estão ao alcance da criança sem a necessidade de aprendizagem indutiva. No segundo caso, entretanto, a criança tem que marcá-los para o valor requerido pela gramática alvo, marcação, essa, desencadeada pela informação contida no “input”. Admite-se, ainda, que somente a variação relativa às categorias funcionais (por ex. INFL, COMP) estaria envolvida nos parâmetros.

Em Chomsky (1981), e em outros lingüistas da sua linha de pesquisa, encontramos a afirmação de que a marcação de um parâmetro pode dar surgimento a um conjunto de propriedades gramaticais aparentemente não relacionadas superficialmente.

Um exemplo é o caso do parâmetro do sujeito nulo. Enquanto algumas línguas permitem sujeito nulo em sentenças finitas (ex. espanhol), outras requerem que essa posição seja preenchida lexicalmente (ex. inglês). Há condições a serem preenchidas para que uma língua seja de sujeito nulo ou *+pro-drop*. Como as de que o sujeito deve concordar com o verbo, pronomes expletivos devem estar ausentes, a inversão do sujeito deve ser possível. Há também conseqüências como: a) o movimento longo de “que” como sujeito; b) a ausência do pronome resumptivo lexical em sentenças subordinadas; c) violações aparentes do filtro “that trace”.

Uma conseqüência da concepção de parâmetro como agrupamento de propriedades na superfície é que a criança precisa descobrir somente uma das propriedades para marcação correta daquele parâmetro e todas as outras propriedades ficarão automaticamente disponíveis, fato que empresta a esse conceito uma grande força na teoria chomskiana, respondendo ao problema lógico da aquisição. A previsão empírica é a de que vários fenômenos aparecerão dentro de um curto período de tempo. Uma vez

descoberta uma de suas propriedades será o suficiente para um falante marcar o parâmetro no valor correto¹⁴.

Foi o modelo de Princípios e Parâmetros que propiciou um renascimento do interesse pelo desenvolvimento da sintaxe infantil, pela capacidade que ela oferece de interpretar dados empíricos. E duas tendências principais podem ser identificadas no desenvolvimento desses estudos; a que postula uma fase pré-sintática (Felix, 1987, Bickerton, 1990, entre outros), e os que advogam que, desde o início, a criança apresenta uma estrutura sintática que se conforma aos princípios e/ou categorias que regem a gramática do adulto (Hyams, 1986; Clahzen, 1989, entre outros). Na visão dos primeiros, os *maturacionistas*, a linguagem da criança, nessa fase, é uma forma de comunicação que pode envolver o módulo pragmático da linguagem, mas não o conhecimento gramatical. Na visão do segundo grupo, os *continuistas*, a linguagem primitiva da criança já é constrangida por princípios da GU e pelo valor não marcado dos parâmetros.

Hyams (1983), que estudou o parâmetro “*pro-drop*” em detalhe para o italiano e para o inglês, evidencia a sugestão de que algo como um “valor default” está operando nos estágios iniciais da aquisição do inglês, mostrando uma mudança de sentenças sem sujeito para o uso de sentenças com sujeito antes um pouco da aquisição da morfologia verbal.

Examinemos agora a posição de Phinney (1987), sobre parâmetros e a posição “default”. Partindo do estudo do parâmetro “*pro-drop*” e sua marcação como causa de erro nos estágios da aquisição conhecido por Interlíngua (Selinker, 1972), Phinney discorre sobre o modelo parametrizado, acrescentando que o modelo tem, basicamente, duas funções: explicar as diferenças entre as línguas, e dar conta das diferentes construções produzidas no interior de uma língua. Segundo Phinney, o que se tem assumido é que, em um estágio inicial, o LAD assegura que todos os parâmetros não sejam marcados. O “input” lingüístico é que vai possibilitar a confirmação de que um parâmetro, seja de fato, marcado em uma determinada língua. Se a língua em aquisição utiliza a posição não marcada, então o posicionamento inicial estará de acordo com os

¹⁴ Os expletivos “it” e “there”, por exemplo, foram considerados como “trigger”, isto é, funcionam como ‘gatilhos’ para o estabelecimento do parâmetro em questão (cf. Hyams, 1983).

dados fornecidos e o parâmetro não será modificado, permanecendo não-marcado. Caso contrário, o parâmetro parecerá erroneamente marcado.

Hyams discorre sobre a noção da marcação errônea do parâmetro e, para tanto, retoma a idéia de que crianças de fala inglesa produzem sentenças sem sujeito, ou seja, produzem instanciações de língua “+*pro-drop*”, quando a fala dos adultos não mostra essa propriedade. Reconhece que existem muitas diferenças entre o sujeito nulo de uma criança e o sujeito nulo da fala do adulto. Todavia, essa autora se posiciona contra o princípio da marcação errônea de parâmetro, mostrando que os estudos existentes demonstram o contrário; por exemplo: uma criança japonesa desde cedo mostra o parâmetro “head last” marcado; no francês, as crianças alçam o verbo para I logo cedo, passando o verbo finito pela negação. A observação de Hyams é de que muito cedo as crianças inglesas sobem com o Aux para I, tão logo começam a usá-lo. E, adotando uma perspectiva ampla de aquisição,

a autora observa que o “input” apresentado se faz sentir muito cedo na fala da criança, e que os parâmetros são marcados muito rapidamente. Nesse caso específico do sujeito nulo, adota o modelo instantâneo de Chomsky (1965) como modelo da aquisição da ‘core grammar’, considerando como a forma correta de se ver a marcação de parâmetros. Rejeitando a tese da marcação errônea do parâmetro “*pro-drop*” para as crianças de fala inglesa, adota com Sano (1994), a hipótese de que, tanto o sujeito nulo na fala das crianças, quanto o estágio do infinitivo opcional (optional infinitive stage), é um fenômeno derivado da sub-especificação de I.

Segundo Phinney, o modelo parametrizado faz previsões sobre o processo de aquisição que podem ser sustentadas por dados empíricos. Essas previsões podem incluir ordem de aquisição e dificuldade relativa de certas construções de uma língua particular, ou, ainda, a ordem relativa de aquisição entre línguas. E embora o aprendiz adulto de L2 não esteja na mesma posição de uma criança - já que para o adulto uma língua já foi aprendida bem como os parâmetros marcados para aquela língua - o mesmo processo deve ser aplicado até certo ponto ao adquirir-se uma L2. Parâmetros podem ter de ser remarcados de acordo os dados disponíveis na segunda língua. Assim, sobre o LAD essa autora assume que ele continua operando para aquisição de L2, possivelmente com menor eficiência, uma vez que um adulto raramente atinge a

competência em L2 comparável àquela de um nativo. Ainda, com base na evidência da aquisição do inglês e do espanhol como L2 sustenta a alegação de que a marcação de parâmetros induzirá o falante a erros sistemáticos na sua produção de L2. Sugere também que considerações sobre marcação podem explicar diferenças direcionais de dificuldade. Ressalta que o tema fixação de parâmetros tratado por Zobl (1983) entre outros, que consideram uma construção como não marcada se o dispositivo de aquisição não requer dados para chegar a ela, concluindo que quanto mais necessita de dados, mais marcada será a construção. Na aquisição de L2, a língua alvo pode requerer diferentes marcações de um parâmetro em relação à língua nativa. Esta visão de marcação se reflete na aquisição de L1, uma vez que se o parâmetro em questão está na posição ‘default’ (= não marcado), requer pouca ou nenhuma evidência de dados do ‘input’, enquanto que a fixação mais marcada requer evidência positiva para ser fixada e incorporar-se à gramática em desenvolvimento. Desse modo, Phinney afirma haver duas possibilidades para o período inicial da aprendizagem de L2: um é assumir que o aprendiz vai começar do ‘zero’, ou seja, que os parâmetros da GU serão iniciados na posição não marcada, e outro é que a aquisição se processará da mesma forma como se deu na aquisição da L1 da criança. Esta possibilidade implica em não haver qualquer efeito de interferência, e que a fixação dos parâmetros da L1 não interfeririam na aprendizagem de L2. Porém, os dados disponíveis sobre a realidade da transferência de L1 sugerem que essa abordagem seja insustentável. A segunda possibilidade assegura que o aprendiz começa com os parâmetros fixados da L1, os generaliza para L2, até que os dados do ‘input’ o forcem à remarcação de parâmetros.

No nosso caso, a informante deveria partir dos valores do parâmetro fixado para o alemão, a saber [+V-para-Comp], que resulta em V+Neg, e [- CN].

Phinney discute duas possibilidades com referência à interação e fixação de parâmetros. Uma, utilizando a posição marcada e a outra, a língua utilizando a posição não marcada do parâmetro. O exemplo citado é hipotético de uma língua X, na qual o parâmetro P é *não-marcado*. Um falante de X, então, começa a aprender a língua Y, na qual o mesmo parâmetro é *marcado*. Seria o caso da CN, assumindo que ela é a opção marcada. O aprendiz, ao ir de um sistema no qual a fixação do parâmetro é *não-marcada* para um em que a fixação é *marcada*, precisará de muitos dados no ‘input’, tal

qual a criança precisaria ao aprender Y como primeira língua. Em outras palavras: a aquisição de competência próxima à de um nativo, nas construções que dependem desses parâmetros, é difícil para o falante de X. Por outro lado, um nativo de Y, ao tentar aprender X, pode começar assumindo que o parâmetro P é marcado, como é em Y. Seria o caso de [V-para-Comp], marcado para o alemão. Se o parâmetro é tal que as consequências da fixação *não-marcada* viola as implicações de uma forma marcada, então a evidência necessária para remarcar o parâmetro estará disponível nos dados do ‘input’, e seria, no caso, NEG+V. Adquirir a competência próxima à de um nativo em construções relevantes em X pode, então, ser menos difícil para o falante de Y. A autora ressalva que é possível, porém, ocorrer o caso de o falante continuar usando o parâmetro *marcado* em estágios avançados como afirma White (1983). Mas acrescenta que ambas as situações podem ocorrer, dependendo da natureza da construção envolvida.

Se o modelo Pr e Pa permite a idéia de um sistema parcialmente parametrizado (através da hipótese do valor “default”), então é razoável assumir que o mesmo valor “default” estará envolvido na aquisição de segunda língua. Assim, na aquisição de L2 o aprendiz deve remarcar parâmetros, ou de *não-marcados* para *marcados*, ou da fixação de L1 para a fixação em L2.

Considerando o parâmetro “pro-drop”, e assumindo que em espanhol este parâmetro é *não marcado*, e em inglês é *marcado*, Phinney conclui que um falante de espanhol terá muitas dificuldades para remarcar esse parâmetro. Por exemplo: espera-se que esse falante vá omitir o sujeito frequentemente - particularmente se esse sujeito puder ser entendido pelo contexto, ou quando a sentença contiver 3ª pessoa - quando há em inglês uma marca para essa pessoa, e deverá também apresentar dificuldades com os expletivos ‘it’ e ‘there’ em inglês. Já um falante de inglês aprendendo espanhol fará o caminho em outro sentido, partindo do parâmetro *marcado* para o *não-marcado* em uma língua que tem concordância morfológica extensa. Se a premissa inicial é de que a L2 terá a mesma fixação de parâmetros como em L1, então pode-se esperar encontrar maior porcentagem de erros que poderão ser atribuídos diretamente à interferência, principalmente nos estágios iniciais. Isto implicaria no uso excessivo de pronomes sujeito, colapso de terminações verbais na terceira pessoa do singular e alguma forma de pronome para substituir ‘it’ e ‘there’, tais como *el*, *allá* ou *alli*.

Por outro lado, se o LAD retorna ao ponto inicial para a fixação de parâmetros em L2, os falantes de inglês aprendendo espanhol deveriam mostrar padrões que seriam similares aos das crianças espanholas. Eles deveriam mostrar omissão de pronome sujeito e incluir terminações verbais. Phinney prossegue afirmando que essas duas hipóteses são, na verdade, extremos de um contínuo. Na realidade, provavelmente os falantes ficarão em algum ponto entre um extremo e outro, e o modelo, quando aplicado, poderá revelar algumas facetas da interlíngua.

Continuando, Phinney, comenta sobre estudos em ESL, que trouxeram como consequência, dados publicados, sobre os erros de estudantes em ESL, exemplificando com o problema da omissão da terminação da 3ª pessoa singular em inglês, que parece ser algo tão simples, quando há somente uma terminação para lembrar. E explica, é precisamente esta simplicidade que causa a dificuldade. Pode-se dizer que o inglês não apresenta morfologia de concordância, e ter uma única terminação em uma pessoa em um tempo, parece ser extremamente *marcado*. Se o estudante assumir que em inglês há concordância, então ele tenderá a generalizar e incluir *-s* em todas as pessoas, o que, às vezes, acontece. Se o uso da concordância ou ausência desta é um possível gatilho para a fixação do parâmetro “pro-drop”, então a língua inglesa oferece evidência mista no ‘input’.

Phinney explica que os dados disponíveis resultantes de pesquisas não podem determinar, porém, se o dispositivo de aquisição volta ao estágio inicial *não marcado* quando uma segunda língua é aprendida. No entanto, menciona que White (1985), demonstrou que falantes de francês não voltaram ao suposto estágio inicial “pro-drop” diante do aprendizado da língua inglesa, uma vez que os dados demonstram que em nenhuma circunstância tratam inglês como língua “pro-drop”.

As conclusões a que Phinney chega podem ser resumidas da seguinte forma: quando a L1 utiliza um parâmetro *não-marcado*, adquirir uma competência próxima à do nativo de L2 que utiliza o parâmetro *marcado* será difícil e tomará tempo. Quando em L1 o parâmetro é *marcado* e na L2 *não-marcado*, o processo de aquisição será mais acessível. Quando em ambas, L1 e L2, os parâmetros são *marcados*, foi sugerido que o parâmetro não voltará ao valor “default”, mas se considera que continuará no valor *marcado*.

Isto, segundo Phinney, implica em afirmar que o estágio inicial para aquisição de L2 é aquele de L1, entretanto, se L2 é *não-marcado* a remarcação ocorre rapidamente.

White (1987) aborda o problema da projeção estudado por Zobl (1983), Cook (1985), White (1985), ou seja, a situação com a qual o aprendiz de L2 se depara, da mesma forma que a criança em L1, com o problema de adquirir uma gramática baseada em 'input' pobre. Isto é, todo falante que consegue atingir sucesso razoável em L2 chegará a um conhecimento completo e sutil que não estava claramente especificado no 'input'. White comenta que isto não significa que a solução do problema da projeção seja idêntica em ambas as situações, mas sugere que se deva investigar a possibilidade de que falantes de L2 têm a seu dispor os mesmos princípios universais que se supõem estar ao dispor dos falantes na aquisição de L1. A autora coloca que é indiscutível que, para crianças, a L2 é mediada pelos princípios que governam a aquisição de L1, uma vez que essas crianças têm sucesso absoluto na aquisição de outras línguas. O problema ocorre quando se trata de adulto, que se acredita ser a aquisição de L2 mais difícil do que as crianças. Existindo também a afirmação de muitos de que os adultos não podem aprender uma L2 com perfeito sucesso porque já passaram do período crítico para aquisição. Mesmo supondo que haja tal período, White chama a atenção para o fato de que após tal estágio nada há que impeça o acesso à GU, embora haja outros fatores que possam explicar as dificuldades dos adultos. Parece, portanto, que é necessário investigar se a GU intervém na aquisição de L2, o que estaremos averiguando nessa pesquisa.

White relata, ainda, que aprendizes de L2 de diferentes origens lingüísticas cometem equívocos que não podem ser originados na L1. Observou-se que esses equívocos eram similares a formas produzidas por crianças na aquisição de L1. E mais: com relação a algumas estruturas, os aprendizes de L2 passam por uma seqüência desenvolvimental que é similar àquela de L1.

Essas descobertas, segundo White, levaram a uma ênfase aos universais em aquisição de L2 e houve uma tendência a negar a existência do fenômeno da transferência. Hoje, porém, já se repensa à ideia de haver possivelmente transferência de L1 para L2.

Pergunta-se: o falante que aprende uma L2 é capaz de remarcar parâmetros partindo do valor 'default' para qualquer nova língua, ou ele transfere os parâmetros

fixados da sua L1 para L2, mudando os parâmetros relevantes quando encontrar evidência sugerindo que o parâmetro de sua L1 é inapropriado para L2? Há uma primeira hipótese que assume que o aprendiz de L2 pode focalizar-se nos dados de L2 suficientemente bem para disparar o gatilho (trigger) para o parâmetro requerido, independentemente da situação em L1, hipótese encontrada nos trabalhos de Mazurkewich (1984).

Phinney (1987) investiga a hipótese de que diferenças em valores dos parâmetros entre L1 e L2 causarão problemas, levando a erros por transferência. O falante, inicialmente, não nota a diferença e transfere os valores de L1 para L2, tratando os dados de L2 em termos de sua L1. Os dados mostram que, para o parâmetro “pro-drop”, nativos de língua espanhola que aprendiam inglês assumiam que inglês tinha um número de características de língua “pro-drop”, incluindo a possibilidade de sujeito nulo, enquanto falantes de francês não procederam dessa forma (White, 1984, 1985). Ou seja, a variação paramétrica oferece uma explicação potencial para os erros de transferência dentro de uma teoria de universais aplicados à L2.

Quanto à marcação ou não de parâmetros que têm valores diferentes em L1 e L2, White conclui que essas diferenças podem levar a previsões em relação às dificuldades.

White cita o exemplo da proposta de Hyams (1987), que afirma que os expletivos *it* e *there*, do inglês, atuam como gatilhos para direcionar a criança que adquire inglês a abandonar a suposição de que inglês é uma língua “pro-drop”. Se os falantes de espanhol, inicialmente, tratam inglês como uma língua “pro-drop” (White, 1984, 1985), Phinney (1987), a questão que surge é: como elas aprendem que não é? O que de fato provoca a re-análise da gramática dessa interlíngua? Que dado forçará a gramática a mudar? São perguntas colocadas por White. Hyams propõe que seja a presença dos expletivos *it* e *there* em conjunto com o princípio “evite pronome” que provocam a mudança, o que poderá funcionar para aquisição de L2 também.

White comenta que não há razão para assumir que deva haver somente um caminho para se chegar à L2. Ou seja, pode-se imaginar que alguns aprendizes usam a evidência negativa, enquanto outros usam a evidência positiva de vários tipos, e nesse caso, o parâmetro tem diversas características, sendo possível que a mudança da gramática possa vir através de qualquer delas.

Felix (1985), Wexler & Borer (1987) propõem que certos aspectos da GU possam ter gatilhos na maturação, opondo-se a outros elementos que teriam a função de gatilho. White, sobre essa observação, comenta que seria extremamente útil, no caso de L2 adquirida por adultos que já teriam passado pelo processo de maturação antes de iniciar a aprendizagem de uma segunda língua, porque, assim, se o aprendiz de L2 passar pelas mesmas fases como faz o aprendiz de L1 para algum parâmetro, isto iria sugerir que a maturação não estaria envolvida no processo. Ao comparar seqüências desenvolvimentais de L1 e L2 pode-se esclarecer se os aspectos maturacionais da GU estão envolvidos no processo ou não.

Dentro do quadro teórico traçado aqui, vejamos quais seriam as tarefas de aquisição da criança em processo de aquisição da sintaxe de construções negativas. Segundo Meisel (1996), o problema principal parece ser a opção de analisar Neg como núcleo de um NegP oposto a Neg como uma projeção máxima. Todas as outras tarefas não são, de fato, diretamente relacionadas à negação. Elas primeiramente se relacionam à implementação de diferentes camadas de categorias funcionais acima de VP e suas direcionalidades *head-first/head-last*. Quando essas categorias estão acessíveis, o verbo finito sobe passando pelo núcleo de NegP. Se Neg for um núcleo funcional, aquele forma uma unidade com o elemento finito e, ambos, são movidos juntos. Se Neg for uma categoria de projeção máxima e o núcleo de NegP estiver vazio, o item que nega fica atrás em posição pós-verbal na ordem de superfície. Espera-se que Neg esteja em adjunção a VP. Neste ponto do desenvolvimento, quando o verbo é alçado para fora do VP, a opção entre Neg como núcleo ou como não-núcleo se torna relevante. Caso a distinção [\pm finito] esteja disponível, possibilitando o movimento do verbo, a sintaxe de construções negativas não deve causar problemas de aquisição.

Em alemão, com o movimento de $V_{[+fin]}$ para I e depois para C, que resulta no fenômeno V2, temos dois movimentos do verbo; o fato da negação permanecer à direita do V pode ocorrer por conta da Polaridade Negativa que pode ser fraca em alemão, não atraindo NegP. Comparando o movimento do verbo, em alemão, com o movimento do verbo em PB, podemos afirmar que aquele com o movimento [+V -para-C] deve ser a opção marcada, pois exige um movimento extra. A negação em PB exige apenas o movimento de V-para-I. Se comparado com o movimento do verbo em alemão, o PB

necessita de menos um movimento, podendo ser considerado como forma não marcada. Porém se examinarmos a CN que, além da negação, envolve um outro elemento: as palavras-n, podemos ver que outros fatores estão envolvidos na CN como a presença dessas palavras em conjunto com a negação sentencial, além da polaridade forte para a negação.

Em Peres (1995), temos a referência de serem encontradas nas línguas DN (inglês por ex.), as formas não marcadas. Donde assumirmos ser a CN a opção marcada para essa propriedade.

3.2 – A aquisição da negação em L1

De acordo com a literatura coberta por Meisel (1997), a aquisição da negação em L1 apresenta os seguintes estágios:

- I - Negação com uma palavra: *no, nein, non*, etc;
- II - Negação com várias palavras com Neg colocado em posição externa;
 - II a. Negação anafórica:
 - ‘Há evidência que o elemento negativo é colocado em posição inicial do enunciado’;
 - II b. Negação não anafórica
 - ‘Na maioria dos estudos, as crianças colocaram Neg em início de oração. Há poucos casos, entretanto, onde Neg aparece em posição final’;

III - Negação interna à sentença

A sintaxe de III é então, claramente modelada com a perspectiva da língua do adulto, com peculiaridades que dependem de dados da língua, conservando, ainda, erros de colocação.

Pierce (1989) constrói uma teoria do fenômeno do sujeito nulo inicial da criança usando a negação como evidência que explica a fase II. Propõe, a exemplo

de Kitagawa (1986), Koopman & Sportiche (1988) e outros, que línguas que permitem o sujeito interno a VP na estrutura S licenciam sujeito nulo. Ela argumenta, respaldando-se em dados do francês, inglês e espanhol, que a criança inicialmente tem sujeito interno ao VP na estrutura S. Constituem evidências para essa hipótese o fato de que as crianças usam a negação externa à sentença, que crianças de língua inglesa flexionam o auxiliar antes de flexionar os verbos principais, e que as crianças francesas sistematicamente adotam sujeitos pós-verbais.

Também para Meisel, os dados de aquisição estudados em línguas diferentes confirmam a hipótese de que Neg é colocado externamente nos estágios iniciais.

Ainda, segundo Meisel, análises estruturais confirmam que Neg é adjunção a VP, que contém um sujeito. Pode aparecer à esquerda ou à direita do VP, sendo possível verificar uma preferência forte pelo emprego correspondente à fala do adulto. Assim que a criança encontra evidência para uso das formas finitas dos verbos, Neg passa ser colocado internamente na sentença, o que indica que o sujeito e o verbo finito foram alçados às posições apropriadas em uma projeção funcional. Nas línguas em que Neg é gerado como núcleo de NegP, ele sobe junto com o verbo. O fato de se analisar Neg como núcleo ou como adjunção a VP não parece oferecer problemas para as crianças em fase de aquisição. Ordens deviantes, afirma Meisel, como as do alemão, não são causadas por deficiências no desenvolvimento da sintaxe da negação: são resultantes da falha de se mover o complemento verbal.

Por outro lado, analisamos também amostras colhidas na cidade de Feira de Santana, entre crianças em fase de aquisição no período de 1 a 2 anos e 2 meses, encontrando apenas orações do tipo de negação de reforço, como o exemplificado abaixo:

- (a) Não achou não. (Mateus, 26 meses, entrevista 1)
- (b) Não dá não. (idem)
- (c) Não quero não. (idem)

Se considerarmos que a negação nos exemplos acima é tônico e pós-IP, ela é, certamente, de caráter externo, posicionado em Σ . Mas o fato da presença da negação clítica em I, que pressupõe IP, mostra que a negação externa não precisa necessariamente supor uma estrutura truncada, sem I.

Quanto à CN, se levarmos em conta a hipótese de Peres de que a CN é a opção marcada, os dados de Feira de Santana podem indicar que ele está certo, pois a CN não aparece nos dados analisados naquela pesquisa.

3.3 – Aquisição da sintaxe da negação como L2

Meisel entende que a aquisição da sintaxe da negação é um fenômeno relativamente bem estudado, tanto para a aquisição da primeira língua (L1) como para a segunda língua (L2). Aponta para o fato de que a criança, ao adquirir sua primeira língua, parece não encontrar nenhum problema quanto à sintaxe.

De acordo com os princípios da GU, a colocação do verbo é adquirida facilmente quando a noção gramatical \pm finito estiver disponível para a criança. Uma análise longitudinal de dados do francês como L2 e do alemão, levam-no a concluir que no caso da aquisição de L2, a situação é mais variável. Isto acontece, segundo esse autor, porque os aprendizes de L2 fazem uso de diferentes tipos de estratégias de utilização da linguagem. A hipótese de Meisel é a de que o objeto de aprendizagem na aquisição de L2, é principalmente constituído por segmentos de elementos encontrados nas orações, e não propriamente pelas estruturas sintáticas subjacentes a essas. A evidência para isso é o fato de que aprendizes de L2, pelo menos por um certo período de tempo, não se baseiam na distinção \pm finito quando estão no processo de colocação do elemento negativo. Neste sentido, Meisel propõe a aquisição de primeira e segunda línguas como processos fundamentalmente diferentes em natureza.

Considerando a situação de nossa informante, em contexto de imersão, que estava recebendo o “input” natural, optamos por considerar as duas hipóteses de pesquisa sobre aquisição de L1: a do “truncamento” e da “estrutura plena”. Porém,

temos que descartar a hipótese de Vainikka e Young-Sholten porque na amostra de nossa informante não há indícios de negação externa a VP, mas sim negação externa a IP.

Sob a ótica da visão *continuista* estamos considerando a opção “default” da seguinte forma:

- a) em relação ao movimento de V-para Comp que origina a ordem V(XP)Neg, o PB, que não tem esse movimento, é a opção *não-marcada*. Logo, a informante em questão deveria: ou começar direto no Neg+V do PB, que consideramos ser a opção igual ao “default”, e não deveria manifestar nenhum caso de V+neg. Porém, não foi o que ocorreu.
- b) em relação à CN, sua ausência é opção “default” (cf. Peres, 1996), como o caso das línguas DN. Nossa informante começaria sem CN, e teria que remarcar para [+CN] face aos dados positivos do ‘input’. E de fato, foi o que aconteceu.

Se o estado inicial de K foi o alemão, então ela deveria começar com V (XP)Neg e não apresentar Neg+V, o que não ocorreu. Deveria ainda, começar sem CN e adquirir +CN por refixação.

Em relação a CN os dados confirmam ambas as propostas e não pode ser usada como critério para decidir sobre a melhor hipótese. Em relação à posição de Neg, nenhuma tem comprovação, uma vez que tanto Neg+V quanto V+Neg estão presentes desde o início, o que coloca um problema da existência de um “doublet” na mesma gramática.

No capítulo seguinte veremos o desenvolvimento de K detalhadamente e vamos buscar uma interpretação para esses fatos.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Observando os dados¹⁵, vemos que a informante apresenta duas fases na sua aquisição de CN. Analisaremos cada uma dessas fases a seguir:

4.1 – Fase 1

Esta primeira fase é caracterizada pela variação, quando encontramos a co-ocorrência de três padrões: Neg+V, V+Neg, V+palavra-n.

Exemplificamos, abaixo, cada um desses padrões:

1) **Neg+V**. A ordem é da língua alvo e não da L1.

- (1) **Não** tem. (Entr. 1, pág. 14, linha 19)
- (2) **Não** é novo. (Entr. 1, pág. 14, l. 25)
- (3) Agora eu **não** sei se eu quero. (Entr. 1, pág. 18, l. 3)
- (4) ... muitas coisas **não** são bem organizadas. (Entr.2, pág. 23, l. 12)
- (5) Eu **não** gosto. (Entr. 4, pág. 33, l. 53)

2) **V+Neg**. A ordem é da L1 do falante .

- (6) ... e o fogo é **não**... (Entr. 1, pág. 17, l. 18)
- (7) ... eu acho que três meses é **não** muito tempo (Entr.5, pág. 5, l. 08)
- (8) ... eu sabia que é **nunca**... (Entr. 3, pág. 28, l. 13)
- (9) ... e fazer coisas mais fácil é **não** uma problema (Entr. 4, pág. 34. L. 23)
- (10) Porque há **não** ondas. (Entr. 5, pág. 49, l. 08)

¹⁵ No **Anexo I** temos a transcrição completa das ocorrências de negação sentencial da informante.

3) V+ **palavra-n** –Caracterizada pela ausência de CN. Estrutura que não consta da gramática do português dos adultos:

(10) ... eu sabia que é **nunca** ... (Entr. 3, pág. 28, l.13)

(11) Eu entendo **nada!** (Entrevista 2, p.25, l. 32)

‘eu não entendo nada’

(12) Uma mulher é **nada**. (Entrevista 5, p.44)

‘uma mulher não é nada’

(13)... quando a família fala junto, eu entendo **nada!** Naada!

‘eu não entendo nada’ (Entr.2,pág.25)

(14) Mas eu faz **nada!** (Entr.6, pág. 54, l. 36)

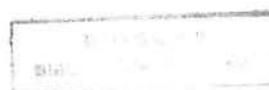
‘mas eu não faço nada’

(15) Eu pago **nada**. (ent. 6, pág. 55, l. 40)

‘Eu não pago nada’

Nos exemplos de [1 a 5] a informante parece demonstrar já ter marcado a posição da negação no português. Contudo, os exemplos [6 a10] são agramaticais na L2, e podem ser atribuídos à gramática do alemão.

Nessa fase o que parece estar ocorrendo é uma clara evidência de que para a aquisição de CN primeiro se faz necessário ter adquirido a negação simples e as *palavras-n* como *nada*, *ninguém*, *nenhum*.



Resumindo, temos, para a Fase I o seguinte quadro:

V Neg
Neg V
V palavras-n
* Neg V palavras-n (*CN)

4.1.1 – Negação sentencial na Fase I

Apresentamos a seguir a tabela de dados referentes à negação sentencial da Fase I na amostra da informante. Do total desses dados, foram excluídas as formas da negação extra-sentencial que aparecem isoladamente expressas pela forma “não”.

Tabela 1 – Negação Sentencial na Fase I

Negação Sentencial						
Entrevista	Tempo	Total	Neg + V		V + Neg	
			Ocorrência	Percentual	Ocorrência	Percentual
01	30 min	20	18	90 %	02	10 %
02	30 min	26	26	93 %	02	7 %
03	30 min	29	28	96,5 %	01	3,5 %
04	30 min	16	15	94 %	01	6 %
Total	120 min	93	87	93,5 %	06	6,5 %

Na entrevista 1, de um total de vinte frases com negação sentencial, dezoito – que correspondem a 90% - têm a ordem Neg+V da língua alvo e duas - 10% - apresentam a estrutura V+Neg da língua alemã. Os números apontam para o fato de que a ordem Neg+V da língua alvo já estava estabelecida na fala da informante. As inversões presentes, porém, mostram que a estrutura V+Neg ainda permanece como parte de uma gramática em paralelo, que, provavelmente, será extinta à medida em que as estruturas de L2 se fixem na fala de K.

Observando os números da entrevista 2, fica evidente o fato de que, à proporção que aumenta o tempo de exposição de Kirsten ao PB, sua gramática vai se aproximando mais do sistema gramatical dessa língua.

Na entrevista 3 observamos que o percentual de inversão, que na primeira gravação corresponde a 10% tende a diminuir, apresentando-se com o percentual de 3,5%, o que não se constitui em um resultado significativo para o caso em estudo.

Normalmente se toma 5% como significativo. Logo na primeira e na segunda é significativo e na terceira, não.

A entrevista 4 apresenta aumento no percentual de inversões, quando comparamos com a anterior. Mas como se observou o quantitativo de duas inversões nas entrevistas 1 e 2, constata-se que o número de ocorrências diminuiu para um nas entrevistas 3 e 4.

Tomando o total dessa primeira fase, podemos afirmar que é significativo o percentual de 6,5 % de inversões ocorridas.

4.2 - Fase II: Aquisição da Concordância Negativa

A presença da CN só aparece a partir da entrevista 5 de Kirsten, após permanência de quase 2 meses em Salvador. Vejamos os exemplos que atestam CN na fala da informante:

(17)... a madrasta não pode fazer **nada** ...(Entr.5, pág. 52, l. 13)

(18) porque não tem **nada** ... (Entr.6, pág. 55, l. 45)

Na entrevista 8, após 3 meses de permanência em Salvador, temos os exemplos abaixo que atestam a presença da CN e assinalam o término da Variação na sintaxe da negação de Kirsten.

- (19) ... **não** vai mudar ... **nada!** (Entr. 8, pág. 83, l. 16)
 (20) ... ela **não** perguntou **nada**. (Entr. 8, pág. 89, l.25)
 (21) E **não** disse **nada** isso. (Entr. 8, pág. 89, l. 31)
 (22) Mas ela **não** disse **nada** sobre os santos. (Entr. 8, pág. 89, 34)
 (23) E realmente não disse nada. (entr. 9, pág. 93, l.06)

Na entrevista 10, após 4 meses em Salvador, temos:

- (23) Você **não** pode explicar **nada** (Entr. 10, marcador 180)

Podemos traçar o seguinte quadro-resumo para a Fase II:

<p>* V Neg Neg V * V palavras-n Neg V palavras-n (CN)</p>
--

É, portanto, com a aquisição da CN que desaparece a ordem V+Neg.

4.2.1 . Negação Sentencial na Fase II

Passemos à tabela referente aos dados Fase II na fala da informante:

Tabela 2 – Negação Sentencial – Fase II

Negação Sentencial						
Entrevista	Tempo	Total	Neg + V		V + Neg	
			Ocorrência	Percentual	Ocorrência	Percentual
05	60 min	56	55	98 %	01	2 %
06	30 min	44	42	95,5 %	02	4,5 %
07	60 min	65	63	97 %	02	3 %
08	60 min	87	86	99 %	01	1 %
09	45 min	38	35	92 %	03	8 %
10	75 min	74	74	100 %	0	-
Total	330 min	364	442	97,5 %	09	2,5 %

Como se pode ver na entrevista 5, permanece em um (1) o número de inversões, o que representa um percentual abaixo de 5% na amostra, sendo considerado não significativo para o nosso estudo.

Observando a entrevista 6, vemos que o tempo da entrevista diminuiu e o número de ocorrências dobrou, mas o percentual, correspondente a 4,5%, continua não sendo um quantitativo expressivo.

Podemos relacionar o aumento de tempo da entrevista 7 com a permanência do número de ocorrências em duas - correspondendo a 3% - como queda no percentual, permanecendo este como não significativo para nosso estudo.

Comparando as tabelas 1 e 2, vemos que o percentual de 10% de inversão na entrevista 1, cai para 1% na entrevista 8. E diminui sensivelmente, na ordem inversa

ao tempo de permanência de K no Brasil. Pela tendência de queda podemos prever, até com obviedade, que nas próximas entrevistas o percentual de inversão será zero.

Contrariamente ao esperado, na entrevista 9 se verifica aumento no número de ocorrências das inversões. O aumento desse percentual, possivelmente, deve-se ao fato de que a informante, na entrevista 9, estava discorrendo sobre a sintaxe da língua alemã, estando sob influência da sintaxe de sua L1. Esse fato aponta para uma possível transferência de sintaxe de L1 para L2.

Observando os percentuais de acerto (97,5%) encontrados na amostra, podemos considerar que a estrutura **Neg+V** da língua alvo pôde ser adquirida no intervalo correspondente a 2 meses e 15 dias. Os comentários sobre causas possíveis das inversões **V+Neg** que ainda persistiam estão contidos no item 4.5 abaixo.

No intervalo entre a primeira gravação (nov.97) e a última (jan.98), K deixa de apresentar inversões na sua fala, o que vem confirmar seu domínio da estrutura de negação do PB.

4.2.2. Concordância Negativa

Passemos agora aos dados das ocorrências de CN, apontando para casos de ausência quando a CN é esperada no PB. Cabe aqui esclarecer que a CN envolve sempre uma concordância com palavras-n (Ex. ninguém, nenhum, nada) . As negações do tipo reforço (Ex. não vi não) foram contadas como negação sentencial.

I - Ausência de CN na Fase I

Entr.pág.linha

2	21	41	Ninguém faz uma coisa.
2	25	32	Quando a família fala junto eu entende nada.
4	44	97	... uma mulher é nada!
6	55	36	Mas eu faz nada!
	55	40	Eu pago nada.

II - Presença de CN na Fase 2:

Entr. pág. linha

5	52	13	A madrasta não pode fazer nada.
		36	...porque não tem nada.
	83	16	Não vai ajudar nada.
7	89	25	...ela não perguntou nada.
		31	E não disse nada.
		34	Mas ela não disse nada.
		34	...e não disse nada.
8	93	06	E realmente não disse nada.

Tabela 3 – Ocorrências de CN

Entrevistas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Ausência	-	2	-	1	-	2	-	-	-	-
Presença	-	-	-	-	1	3	4	1	-	-

Notamos que a Concordância Negativa (CN), que a língua alvo pede, está ausente nas entrevistas 2, 4 e 6, conforme mostram as transcrições acima. Como previsto, a CN, ausente nas entrevistas iniciais, surge à medida em que aumenta a permanência de K e seu contato com o PB. A CN aparece pela primeira vez na entrevista 5. Na entrevista 6 temos duas ausências de CN, quando deveriam aparecer; em contrapartida vemos que há três ocorrências perfeitas de CN na mesma entrevista, indicando que um processo para estabelecimento do fenômeno, definitivamente, está em curso. O número de 4 ocorrências na entrevista 7 contra nenhuma ausência de CN parece indicar que a CN se estabeleceu na gramática da informante. Mas, para nossa surpresa, a CN desaparece nas entrevistas 9 e 10, possivelmente porque a informante, nessas ocasiões, explicava alguns pontos de uso da língua alemã, podendo ter estado sob maior influência da sintaxe germânica.

Interessante notar que não há, porém, nas entrevistas 9 e 10 tampouco frases com ausência de CN como aconteceu nas entrevistas 2, 4 e 6.

4.3 - O “input” regional

Na Fase I levantamos a possibilidade de nossa informante estar sendo influenciada pela estrutura V Neg presente na variedade regional na Bahia. Essa peculiaridade deve ser levada em consideração uma vez que a informante estava exposta a esse tipo de “input”.

Já analisamos a negação do dialeto baiano como sendo uma negação externa à IP, podendo, portanto, aparecer depois do predicado todo quando o IP é movido para Spec de Σ , conforme análise de Oliveira (1996).

Contrapondo a análise que estamos assumindo para o Alemão (Meisel) e para o Português (Miotto) e observando as árvores para cada uma delas, podemos afirmar que haveria problemas da ordenação de constituintes, uma vez que a L1 de nossa falante é núcleo final em VP e IP e a L2 (Português) é núcleo inicial para todas as categorias funcionais.

Ainda que haja similaridade na sintaxe visível entre os exemplos (20) de nossa informante e (14) do português regional, podemos observar que na sintaxe profunda, comparando a proposta de Meisel para o alemão (acima), onde *nicht* não ocupa o núcleo de NegP com a proposta de Miotto para o baianês (em 2.6), onde o *não* clítico ocupa núcleo de NegP podemos verificar que temos diferentes estruturas de geração do item negativo na sintaxe profunda.

4.4 - Interpretação dos dados

Os exemplos [6 a 10] mostram ser agramaticais na L2, mas, de acordo com Kroch (1994), esse tipo de co-ocorrência de formas sintáticas [ex. 1 a 5 e 6 a 10] são sinais de que há uma competição entre os núcleos funcionais, que cessará quando um núcleo se estabelecer no sistema sintático que está sendo adquirido

Os estudos de Kroch (1994), sobre variação e mudança morfossintática, mostram que a variação entre as línguas acontece devido a diferenças nas propriedades sintáticas dos núcleos funcionais, que se comportam como formativos (feixes de traços) morfológicos, estando sujeitos ao chamado Efeito Bloqueio (Aronoff, 1976), o que exclui a possibilidade de “doublets” morfológicos. Ou seja, o Efeito Bloqueio impede quaisquer formativos, que não sejam funcionalmente diferentes de coexistirem (Kiparsky, 1982), revelando, assim, um tipo de economia global no armazenamento de itens lingüísticos. As línguas podem, porém, exibir “doublets”, mas quando estes existem refletem um estado instável de competição entre opções gramaticais que tendem a se excluir mutuamente.

Os paradigmas morfológicos não admitem “doublets”, princípio também conhecido como *Efeito Bloqueio*, já mencionado acima: quando há uma forma irregular em um paradigma, esta bloqueia o surgimento da forma regular.

A existência de “doublets”, porém, é bastante comum nas línguas européias estudadas, e Kroch argumenta que as razões para existirem encontram respaldo na Sociolingüística. “Doublets” surgem pelo uso de dialetos e pelo contato entre línguas e, uma vez estabelecidos, competem no uso até que uma ou outra forma vença. Devido à sua origem sociolingüística as duas formas geralmente aparecem em diferentes registros, estilos ou dialetos sociais; mas só podem co-existir e ser estáveis se tiverem significados diferentes nas comunidades, deixando assim de ser “doublets”, o que força a tendência de seu apagamento.

Kroch conclui que a evolução histórica de variantes sintáticas, que competem entre si, sofrem um processo similar à evolução dos “doublets” morfossintáticos. Em ambos os casos, a coexistência das formas é diacronicamente instável. Uma forma tende a excluir a outra na produção lingüística. O paralelismo entre os casos se justifica se tratarmos os núcleos sintáticos como formativos os quais, tais como os itens lexicais, estão sujeitos ao *Efeito Bloqueio*, princípio que impede a presença, na língua, de itens do vocabulário que não tenham significados diferentes. O mecanismo que preserva os “doublets”, por períodos indefinidos nas línguas, é a diferenciação de significados que põe o “doublet” fora da ação do *Efeito Bloqueio*. As variantes sintáticas são menos abertas à diferenciação de significados, uma vez que expressam variações do feixe de

traços dos núcleos funcionais tais como tempo, concordância, caso, predicação, traços que são universais e que têm conteúdo fixo.

Refletindo sobre as conclusões de Kroch analisamos a variação sintática no processo de aquisição de CN de nossa falante no item 4.1 acima, e podemos verificar que, de fato, a evolução de K implica na eliminação de uma das variantes, V+Neg.

Retomemos a idéia de que o PB, a língua alvo, pode ou não apresentar o fenômeno da CN. Vimos que o alemão, L1 de nossa informante, não permite a CN. Consideremos que a L1 faça parte da L₀. Nesse caso haveria um estágio inicial da aquisição do português como L2 em que o sujeito iria aplicar a sintaxe da L1 para a L2. Se isso acontecesse prevíamos que haveria V+Neg da negação germânica bem como a inexistência de CN em sentenças que instanciarium tal concordância no PB.

Vejamos o que de fato ocorreu:

O padrão V+Neg germânico foi previsto em 2.5, com base nas estruturas superficiais do alemão e do português. Tal padrão pode ser constatado no exemplo abaixo, e nos casos dos exemplos 6 a 10, item 4.2.:

(34) ...ficar comigo quando o ponto é **não** muito seguro (Entr.6, pág.56, l.04)

‘quando o ponto não é muito seguro’

A total ausência de CN pode ser constatada no exemplo (11) abaixo aqui repetido como (35) e nos exemplos 11 a 15, item 4.2.

(35) Eu entende nada! (Entrevista 2, p.25, l. 32)

‘eu não entendo nada’

Com efeito, constatamos esses fatos na Fase I. O padrão previsto se configurou, assim como também a ausência de CN. Mas como explicar a co-ocorrência de Neg +V? Tentamos responder essa pergunta no último capítulo desse trabalho.

A **Fase II** confirma a aquisição da estrutura de negação do português e da CN na fala de nossa informante, o que pode ser notado no exemplo abaixo e nos exemplos 17 a 25, em 3.1.2, à pág. 29.

(36) E não disse nada sobre isso (Entr. 8, pág. 89, l. 31)

4.5 - Considerações teóricas

No início deste trabalho, antecipamos que alguma evidência relativa a dificuldades quanto à aquisição de CN seria encontrada. Constatamos ter havido diferentes estágios até que a informante chegasse à estrutura desejável de L2, como já explicitado em 3.3. Nossas observações corroboram com as de Meisel quanto a dificuldades para aquisição da negação em L2.

Retomando a literatura voltamos à questão: “Teriam os adultos os princípios da GU ativos? E a esta pergunta, temos a responder que a mudança se deu em um período relativamente curto, em dois meses de observação, tendo sido quase instantânea. Levando-se em conta, porém, que a mudança se processou na sintaxe abstrata, a pergunta é a seguinte: é aquisição via GU ou aprendizagem via PS-System¹⁶ (Felix, 1987). Para responder a essa pergunta, fizemos a seguinte suposição:

1. a aquisição da primeira língua é quase instantânea e a aprendizagem de língua estrangeira requer tempo, e
2. o que foi adquirido poderia ter sido via PS-System.

2.1 – a mudança de V + Neg (do alemão) para Neg + V (do português), um fenômeno aparentemente superficial, poderia ter sido aprendido via PS-System.

Contudo, o que se verificou foi que a aquisição se processou quase instantaneamente. Além disso, adquirir a Concordância Negativa envolveu operações abstratas profundas pouco prováveis de serem adquiridas por ação do PS-System.

Em que pese o exposto em (1) e (2) acima, a conclusão a que se chegou é de que nossa informante provavelmente teve a GU ativa na fixação da gramática, embora, na

¹⁶ PS-System (Problem Solving Cognitive Structures).

fase da aprendizagem lexical -Fase I-, tenha usado as similaridades parciais entre o alemão e o dialeto baiano para colocação da negação.

Um outro questionamento de nossa pesquisa relaciona-se à visão paramétrica da literatura sobre a negação. Segundo Peres (1995), línguas DN tem o parâmetro *não-marcado* para a negação, sendo Alemão uma língua DN. Relacionado ao fato de ser a CN o parâmetro *marcado*, fomos buscar evidências para corroborar essa afirmação de Peres (1995) analisando amostras de aquisição do Português Brasileiro como L1. Para tanto recorremos aos arquivos do CEDAE do IEL/UNICAMP, verificando a gramática emergente da criança quanto ao fenômeno CN.

Foram analisadas amostras de Ana Maria (até a idade de 3 anos, 1 mês e 14 dias) e de Raquel (até a idade de 3 anos, 7 meses, 25 dias)

Os dados encontrados, abaixo transcritos, não são repetições da fala do adulto - são exemplos da produção espontânea contida nas amostras¹⁷.

Ana Maria (2.08.29)

- Cê não sabe não. Só papai.
- Nada.
- Eu não vou pegar não!
- Eu não vou pegar não.
- Cê não cresceu ainda não?
- Nada.
- Não gosto dessa colinha não.
- Não gosto da tia não
- Nada.

Num tem. (2.10.20)

- Num vai sair não.
- Num gosto dela não.
- Mas não tem não.

- Ninguém. (3.01.00)

- Não.

Raquel (1.09.09)

- Popó não.

- Bota não.

- Tá godando (gostando) não.

- Num canta não (1.10.00)

- Num dança não.

- Não fala. (2.00.20)

- Não é.

- Não é menino não.

- Não, não é esse não. (2.00.20)

- Não gudou (grudou) não. (2.14.14)

- Não é, não é. (2.02.19)

- Não tem nada. (2.05.05)

- A gente nunca acerta (2.06.12)

- Não é nada. (2.06.19)

- Num sei nada. (2.09.16)

- Ninguém pode ouvi.

- Ninguém pode ver.

- Ninguém pode olhar, viu?

¹⁷ Para contextualização dos exemplos encontrados consultar dados CEDAE.

- Com ninguém.
- Ninguém me ensinou fazê isso.

- Porque não cabe ninguém aqui. (2.10.28)
- (Nada. 3.01.10)
- Porque a Marli não fez nada? (3.01.22)
- Mais ninguém?
- senão eles ficam sem água. (3,02,06)
- Eu não falo nada.
- ... cê num ouvi nem via. (3,07,25)
- Porque a Carla não tinha nada.

A presença das palavras-n isoladas e a presença delas, quando não implica CN, também ocorre na Amostra de Kirsten. Exemplos:

- (37) Nunca. (Entr. 2, pág. 21, linha 20)
- (38) ...eles nunca tem trocado. (Entr.2, pág. 21, linha 24)
- (39) Ninguém faz uma coisa. (Entr.2. pág. 21, linha 41)
- (40) Ninguém faz sua cama (Entr.2, pág. 21, linha 42)
- (41) Em Berlim, nunca. (Entr. 2, pág. 23, linha 09)
- (42) Nada. (Entr. 2, pág. 25, linha 32).

Observamos, no entanto, que ocorrências do tipo acima (ex.39), onde ocorreria CN na língua portuguesa, não aparecem na amostra das crianças estudadas, constando apenas da amostra de Kirsten.

Em uma fase subsequente as palavras-n se combinam com a partícula “não”. Nesse particular, concluímos haver a mesma ordem no processo de aquisição, constituindo, esse fator, a evidência de que um sistema autônomo atua na aquisição de L1 e L2.

ANEXO I - OCORRÊNCIAS DE NEGAÇÃO SENTENCIAL

Fase I

Entrevista I

Fita 1, lado A

Obs. Páginas 1 a 13 da amostra contêm transcrição de outra informante, que não foi analisada nesse estudo.

Pág/linha enunciado

- 14 19 não tem
25 não é novo
- 15 34 você não... você não sabe...
- 16 12 eu acho que não ... que não faz isto,...porque não... aqui não interfere...
- 17 08 não há lá... Não exista.
09 Eu tenho tolete, ... mas não banheiro.
18 ... e o fogo é não... mas você não pode ver o fogo.
21 Não, claro, é aqui é não exista. E não exista no... a ... outra cidade de alemão.
34 Não tem. Muitos edificios não tem elevador. Não é como aqui.
36 Não tem.
- 18 03 Agora eu não sei se eu quero...
05 ... eu não sabe...
14 Ele diz, eu não sei como você diz isto em português. Não se (sei).
39 Eu acho, eu acho agor, eu acho que é muito triste que não sou ...
19 01 ...como ... não, não dá... dinheiro pras coisas culturais.
04 Não libera, não.

Fita 1, lado A

Obs. Páginas 1 a 13 da amostra contêm transcrição de outra informante, que não foi analisada nesse estudo.

Pág/linha enunciado

- 14 19 não tem
25 não é novo
- 15 34 você não... você não sabe...
- 16 12 eu acho que não ... que não faz isto,...porque não... aqui não interfere...
- 17 08 não há lá... Não exista.
09 Eu tenho toilete, ... mas não banheiro.
18 ... e o fogo é não... mas você não pode ver o fogo.
21 Não, claro, é aqui é não exista. E não exista no... a ... outra cidade de alemão.
34 Não tem. Muitos edificios não tem elevador. Não é como aqui.
36 Não tem.
- 18 03 Agora eu não sei se eu quero...
05 ... eu não sabe...
14 Ele diz, eu não sei como você diz isto em português. Não se (sei).
39 Eu acho, eu acho agora, eu acho que é muito triste que não sou ...
19 01 ...como ... não, não dá... dinheiro pras coisas culturais.
04 Não libera, não.
34 ... porque eu não conheço muitas pessoas...
- 20 02 ...mas pra mim eu não pode,
03 ...eu não posso separar-me dele...

Entrevista 2

Fita 1, lado B

- 21 25 E eles não gostam de trocar...
- 34 Isto não existe em Alemanha.
- 35 ... a classe média não tem, às vezes...
- 44 E ela não? Ela cozinha também?
- 22 01 ... muitas pessoas aqui não são bem educado.
- 02 ...e ela não pode ler.
- 03 ...e ela não pode fazer uma outra coisa.
- 04 ...mas não como aqui e...
- 21 ...eles não jantar.
- 23 09 ...quando eu perguntar na rua, as pessoas às vezes me acompanhar.
- Em Berlim, nunca.
- 12 ...mas ah...muitas coisas não são bem organizadas.
- 16 ...mas aqui é não, é não, tem não comparação.
- 20 E eu não sei o que eles fazem.
- 24 14 ...e agora eu não posso fazer...
- 22 ...mas eu não posso dizer...
- 26 ...à vontade e não como uma pequena menina.
- 28 Não, Eu não estudei.
- 35 Não, eu não tenho televisão.
- 25 01 Tá, eu li, eu não... mas livros fácil, não muito complicada...
- 08 Não. Acho que não. Acho que não. Não. Porque ah... eu acho que três meses é não muito tempo.
- 10 Eu não conhece... não veramente.

- 12 ... e não viajar um semana aqui, um semana aqui, você não realmente fazer
conhecimentos, eu fazer amicidades.
- 18 ... eles viajeriam, não viajar...
- 20 Mas eu não gosto.
- 30 Às vezes eu não entende.
- 32 ...quando a família fala junto, eu entende nada! Naaada!

26 -----

Entrevista 3

Fita 2 lado A

- 27 31 Eu não, eu não... acreditei.
- 28 04 ...eu não sei...
- 13 ... eu sabia que é nunca...
- 14 ...que é nunca veria...
- 17 ... mas quando você encontrar pessoas uma vez e você não fala mais, ...
- 27 Nelly disse que não...
- 28 ... nunca convidou, nunca convidaram, convidaram pra fazer uma coisa,
pra sair.
- 38 Não todos, ... aqui não... eu não... eu não sei com certeza.
- 29 03 Tudo pra ela é não, tudo pra ela não pode.
- 10 Mas eu não posso falar inglês muito bem. Eu não posso falar muito bem.
- 11 Eu acho que não, pra mim. É uma coisa, eu não sei.
- 14 ...mas não muito bem. Não é.
- 16 ...quando eu não sei que é ótimo...
- 26 Puff, eu não podia acreditar.
- 32 Eu não sei, mas eu nunca...

- 34 ... eu não sei...
- 36 Não, não são...
- 37 Não, eu não sei.
- 38 ...não é uma problema...
- 30 09 E não sabe por ... não sei porque, ...
- 29 ... e eu nunca, eu nunca pensei...
- 31 -----
- 32 01 E eu nunca podia fazer as coisas sozinha. E às vezes eu não gosto...
- 10 Mas ele, claro, ele não fala perfeito, mas muito bem.
- 17 Às vezes, mas não faz as muito grandes...
- 28 mas... você não, realmente você não precisa.
- 29 ...você não posso, você não pode...
- 31 Só alemão, porque eu não posso falar...

Entrevista 4

Fita 2 lado B

- 33 41 Mas eu nunca gosto, gostei...
- 42 ... eu consegui de não fazer curso de linguística.
- 53 Quando eu le, li isto ali... eu não gosto.
- 34 22 Isto não é complicado.
- 23 ...e fazer coisas mais fácil é não uma problema.
- 25 e não... às vezes, e aqui, você não, você não deve aprender, não sempre, às vezes, mas na maioria não...
- 36 E é difícil, não é melhor...
- 35 02 ... e às vezes, eu gosto de traduzir e não sabe porque você não isto,

- 18 ...você não ah... usa muito “sim”
 20 Mas não muito ah... um exemplo, você não, você ah... você repet...
 25 E aqui eu aprendi, mas acho que não consegui ainda o... o... verbo.
- 36 09 Não porque eles, porque eles falavam comigo.
- 37 33 ... aqui eu não sei...
- 38 03 a gente... que não... que não parece... que eu não parece como uma alemã.
 07 ...e quando eles tem coisas, tem coisas não muito bem.

Fase II

Entrevista 5

Fita 3 lado A

- 39 24 ...mas ele não consegui...
- 40 03 ... mas ele não quis ajudar ela, porque ele não ajudar ela...
 04 ele não ajudou ela...
 09 eu não lembro... eu não lembro...
 15 ... eu não lembra...
 16 ... eu não sei, eu não lembra...
 36 Nada, nada aconteceu...
 40 ... acho que não é tão fácil
- 41 04 ... não é areia...
 06 Mas ela não pode olhar por causa do sol.
 21 Mergulho, eu não gosto de mergulhar...
 23 ... mas eu sei agora as pessoas muitas vezes não sabem, eu sei...
- 42 11 Você não? Não é a mesma palavra?

- 28 Acho que sim. Mas eles não, mas eles não tem, não eles não camas, nada, nada ...
- 43 01 ... mas isto não é uma coisa, é melhor...
- 02 ... mas não ótimo. É melhor, mas não... agora não é justo, não é.
- 03 Não é justo.
- 12 ... os homens não gostam de ficar em casa.
- 21 Não, não é não... quando eles falam tudo certo, não é?
- 33 Não sei também.
- 35 ... não é uma coisa que eles vivem praticamente.
- 42 ... não há muitos...
- 43 ... não é a mesma coisa do que aqui.
- 44 06 mas os alemães não tem, não tem agora, agora tudo, ...
- 07 Aqui eu acho às vezes, paf... uma mulher é nada!
- 10 Não, eu acho, eu acho que não...
- 12 É... Eu não sei.
- 16 Eles não dizem a verdade, quando eles não gostam uma pessoa.
- 19 Você nunca sabe.
- 21 Eles não gostam.
- 23 ... acho que eles são às vezes não tudo claro.
- 28 Mas ... bater... não. Eu acho que é uma coisa boa que o professor não pode bater.
- 33 Eu acho que geralmente não acho que é bom bater criança, não acho que é bem.

45 -----

Cont. Entrevista 5

Fita 3 lado B

- 46 05 ... porque às vezes eu não, eu não sei a diferença.

- 19 ... uma palavra para os homens que não, que não querem ah... mudar, que
querem ficar na casa da mãe..
- 26 ... quando eu não escreve...
- 40 Mas não é novo?
- 47 -----
- 48 10 Agora eu não sei... as outras pessoas que não conhec... interessa,...
- 49 07 Eu gosto muito, não é, não é muito bonita...
- 08 Porque há não ondas.
- 10 É, é. Não é poluída.
- 32 Mas não tão muito mais, mais que vem da latina.
- 50 05 ... todas as palavras não própria alemão. Não, no sei.
- 17 ... há muitas coisas em inglês não tem que as outras línguas românicas tem.
- 38 Mas a madrasta não gosta, não gostou da filha da outra mulher.
- 51 07 ... e não matou ela.
- 17 Mas ela, ela não soube onde Schnevitian é.
- 52 13 **... a madrasta não pode fazer nada...** eu não sei o que aconteceu com a
madrasta. (CN).
- 14 Eu não lembro. Eu não lembrei...
- 15 Mas quando eles não são morta...
- 26 Quando eles não faleceram, eles ainda... vivem!

Entrevista 6

Fita 4 lado A

- 53 08 É claro, eles não podem.

- 16 Mas nunca... nunc acontece
- 54 28 Eu não sei...
- 31 Eu realmente não faz, eu não fazi muitas coisas, mas eu não sei onde o tempo...
- 34 É... onde o tempo vai, não sei.
- 35 Eu não preciso agora um professor,...
- 36 mas eu faz nada! Naaada!
- 55 23 ... mas muitas pessoas não me corrigem...
- 24 ... que eu faço falta, mas quando eles me não corrigem, eu nunca...
- 28 ... às vezes eu não sei...
- 31 ... eu não sei agora...
- 40 Porque eu pago, eu pago nada!
- 42 ... não é uma família pobre, não é.
- 43 ... mas eu acho que eles não tem espacio agora...
- 44 ... mas claro... não pode ser apartamento grande,...
- 45 ... porque **não tem nada** e precisa coisas...(CN).
- 56 04 ...e ficar comigo quando o ponto é não muito seguro.
- 05 Não gosto de ir sozinha...
- 08 Mas não devia, não dever ser realmente Pelourinho...
- 19 ... mas às vezes eu não sei quantas as coisas custa, eu não sei...
- 20 E eles não, não. Eu não sei.
- 21 ... porque eu... não tem muita experiência aqui.
- 23 ... pra mim não sei.
- 40 É não uma pessoa legal.
- 44 Eu não sei, mas ...
- 57 04 Não é alemão.
- 09 quando (se) eu não achar uma coisa, eu fica...
- 10 não, mas há também às vezes coisas que não são muito legal. Porque os filhos nunca dizem...

- 15 ... porque às vezes eu também, não realmente procurar, eu não estou realmente com muita força.
- 17 “ela não está em casa” paf!
- 18 É. E não tão difícil escrever um nome, não é!
- 20 Não é uma... muito trabalho. Mas eu acho que eles não fazem.
- 58 04 Os professores na Alemanha não pode.
- 05 ... e os funcionários do estado não pode ...
- 14 ... há pessoas que nunca podem perder seu trabalho...
- 59 22 Mas na Alemanha não exista boa tarde...
- 24 Boa tarde não há...
- 60 30 E eles não trabalham na casa.
- 34 Mas ninguém pode, pode fala... eu não sei mas acho que não ouvi uma pessoa falar inglês realmente bom. (3 neg.)

Entrevista 7

Fita 5 lado A

- 61 05 Não há uma outra possibilidade do que aprende na casa...
- 10 ... não ajuda quando você faz provas? ... não ajuda? Porque não?
- 15 ... eu não sei, eu acho não que eles...
- 16 .. acho que não...
- 62 01 classes muito grande, não é?
- 21 Mas não,... não sei.
- 26 Eu nunca encontrei um rapaz tão jovem e tão seguro e tão inteligente.
- 29 Eu não sei... Eu não sei como...

- 32 ...mas ele disse que não...
- 34 ... eu não gostei falar português com eles...
- 39 ... não sei...
- 63 05 E ele não esquece, não esquece
- 38 ... porque não é uma coisa... eu não tenho uma memória muito boa.
- 64 05 Não. Com certeza não... em português eu não sei as palavras...
- 11 ... não todas, mas...
- 16 Não há outra possibilidade, não há.
- 32 ... Não sei há uma, ...
- 40 Mas me surpreende que... que... segunda feira é non, não primeira feira.
- 65 24 Eu não conhece, eu não conhece um brasileiro, ... Mas não conhece um que quando ele.
- 66 03 ... no início tinha dificuldade, depois não tinha mais.
- 24 Você tem, você tem, mas uma não, não a pronúncia internacional.
- 28 ... Mas aqui não é internacional.
- 42 É? Mas você já aprendi inglês, acho que pra você não é difícil demais.
- 67 08 ... não tem em alemão, não tem o plural do ah... artigo indefinido.
- 43 Eu não pode (pude), eu não podia dormir toda a noite. Um pouquinho às vezes, mas não podia.

cont. entrevista 7

Fita 5 lado B

- 68 02 Você não, você não pode falar.
- 03 ... e você não pode dar sempre, você não pode.
- 26 Mas Paulo também não gosta muito do Pelourinho.

- 31 ... e eles dizem não...
- 33 ... eu não sei as coisas...
- 45 Não há na Alemanha, a maioria dos homens não gosta de dançar. Não gosta.
- 69 01 E eles não sabem também...
- 30 ... mas eu não lembrei...
- 33 ... não como um, não como um, não é com forra (forro)
- 70 08 ... eu não tenho o endereço dele...
- 21 Sempre são homens não muito agradável.
- 24 Porque os homens simpático não precisam.
- 26 Não, não precisam pagar.
- 37 Eles não viajam..., não viajam pra Japão porque as japonesas não precisam, né?
- 38 ... ele não tem, eles não tem, eles não tem, ... um país pobre
- 71 02 .. mas não é a endereça dela.
- 04 Elas não são chefas...
- 09 ... o que é importante e o que não é importante
- 11 ... que você não diga mais uma vez e diga ele não me ...
- 13 Eu não achei a palavra chefia.
- 34 Ele é, não tem mulher.
- 39 ... mas eu não gosto dele demais, um pouquinho, mas não demais.
- 40 ... ele diga e quando não tem uma outra...
- 41 ... eu não, eu não sempre tem escolha aqui...
- 72 01 ... e ele nunca faz, ele nunca fez um...um... tento...
- 04 Uma tentativa nunca.
- 73 01 e... não falar...

- 16 É, não mas eu não pos...
26. ... mas é não, não acho que ele quer... mas...
- 27 ...ele sabe, ele não é um homem que vai ...
- 28 Ele não é muito...
- 30 Sábado, eu ainda não sei.
- 32 ... eu vou ir, quando não acontece uma outra coisa...
- 74 04 ... eu não ... eu não lembra...
- 06 ...eu não, eu não, pode ser que sim, não, acho, eu acho não
- 07 ... eu acho que não, porque não lembrei, acho que não fui uma, acho que não foi...
- 08 ... Mas agora eu não escreve...

Entrevista 8

Fita 6 lado A

- 75 04 ... mas eles não tinham uma cerveja pra mim.
- 06 Ele não tinha uma cerveja pra mim.
- 07 É. Porque eles não tinham cerveja pra mim. não.
- 10 ... e eu me admirei porque eles não me querem dar cerveja.
- 12 ... Ah. Depois a gente não. E eu não consegui telefonar com ele.
- 23 ... mas agora não conheço
- 32 ... É não festa em Itapoã pra mim
- 33 ... mas eu não quis ir ... e não na praia
- 34 ... é difícil pra mim porque não posso conversar ...
- 36 ... que também não gosta de reveillon ...
- 76 25 Porque no barco não faz quente...
- 29 ... mas não foi, não foi muitos barcos.
- 32 ... Não foi muitos barcos.

- 35 ... Não sei ainda.
- 77 03 Não sei. Talvez um pouquinho. Não, não, não sei.
 12 ... mas não muitos porque não posso levar muitas coisas.
 43 ... porque eles não são muito caros...
 44 porque eles não são muito caros.
- 78 08 ...você não consegue.
 40 ...e ela disse que não é, que não é brasileira.
- 79 05 as primeiras palavras eu não vi.
 26 ...não sei, ...
 41 Ainda não sei.
- 80 28 ... Eu sou diferente e eu disse: eu não acredito, eu não acredito.
 41 ...você não diz “eu te amo”...
- 81 16 ... você não precisa nós...
 26 ... não é problema que vocês aqui não tem a ... a segunda pessoa.
 42 ...eu não entendi...
 43 ... Eu achei que eles não tem um sistema de alfabetização.
- 82 01 Com o prenome, eu nunca imaginei.

Cont. Entrevista 8

Fita 6 lado B

- 83 15 Essas coisas nunca vai...
 16 ... **não vai ajudar nada** (CN)
 17 ...que este acidente não foi normal, não foi normal.
 22 ...mas nunca conseguiu.
 23 Não entendi como Diana podia namorar com este rapaz, e não foi

- muito bonito não.
- 24 Ah.. Ele não é casado.
- 30 Eu no lamentei muito sobre a morte dela... Mas foi um eu não entendi porque...
- 31 ... eu pensei não é bom pra ela.
- 38 ... eles não conheceram ela.
- 39 Eles não a conheceram.
-
- 84 01 Mas realmente há coisas que não gosto daqui. Realmente há coisas que não gosto.
- 07 Que não posso.
- 10 ... Eu não sei.
- 11 ... ou se ele realmente não entendi. Eles sempre diz, eu não quero que você anda sozinha à noite de ônibus...
- 12 ...mas o que... eu não posso ficar à noite todo o tempo em casa, não quero ficar em casa à noite.
- 18 E eu disse, eu não sou uma criança.
- 25 Porque ele não pode dizer Vohoil.
- 29 ... você não tem, aqui vocês não tem o hábito...
- 37 Você também não muda, normalmente, você não muda os nomes.
- 44 Não, não é normal.
-
- 85 04 Mas você não pode mudar os nomes próprios. Eu acho que não é bom.
- 36 Mas não gosto...
- 37 ... porque aqui eu não posso sair sempre...
-
- 86 01 Nunc fui uma pessoa das manhãs. Eu normalmente não tem mau humor.
- 02 Mas não tem bom humor nas manhãs.
- 11 ... eu... não desligou o telefone.
- 16 ...e quando não havia tão muito trabalho eu saí.

- 24 Ele não é negro.
38 Mas agora não sei.
- 87 33 ... eu não entendi. Eu não entendi o que vai acontecer agora.
- 88 09 acho que aqui você não precisa de um carro à meia noite.
14 ... há coisas e não gosta.
16 Ele não é machista.
17 Ele não é.
18 Como eu não poderia.
19 ... como eu não poderia atravessar a rua eu mesma.
27 É um sentimento de que gosta e não gosta.
30 E não gosto que as mulheres, que como mulheres você não pode ser tão independente...
36 E eu não posso ser tão independente do que na Alemanha.
08 Essa coisa realmente não gosto.
42 ... eu não vou ganhar tão muito dinheiro para comprar um carro. E eu não quero morar aqui de quatrocentos reais.
43 É uma ... não quero.
45 Posso, posso, mas não é a mesma coisa.
47 Ainda não sei.
- 89 01 ... mas ela disse coisas que não gostei.
11 ... e ela non vai consultar
25 ... porque ela não perguntei nada, **ela não perguntou nada (CN)**.
30 E que essa coisa não vai, não tem futuro.
31 **E não disse nada (CN)** sobre isso. Ela disse que não tem futuro, e não Perguntei sobre ah...
31 ... e não quis perguntar as coisas.

- 34 Mas **ela não disse nada** sobre os santos (CN).
 35 E não gostei desta coisa.
 38 E ela disse agora não há casamento, não pode mudar.
 39 Ela disse que as coisas não vão de ser...
 40 Não há crianças.
 41 ... mas não seria um bom tempo, não estou preparada...

90 -- -----

Entrevista 9

Fita 7 lado A

- 91 42 Este não é uma preposição.
 92 14 ... porque em alemão você não pode fazer isso.
 26 É, não precisa isto.
 31 Eu não preciso isto. É melhor quando você escreve é não, é...(inint.)
 32 ... em alemão não dá uma coisa como “eu me dá”. Não dá.
 37 Isto acho você não precisa... porque não há em português...
- 93 06 E realmente **não disse nada** (CN).
 16 Aqui não há essa significação.
- 94 04 Você não pode colocar o sujeito mais...
 04 Não posso fazer isso, quando o sujeito não vem antes do verbo.
 09 Não é uma inversão porque o verbo fica...
 28 Não sei se você...
- 95 06 ... e isto é uma coisa que a gente não tem.
 10 ... Você não pode...

- 20 Em alemão não admite. É não tão horrível, mas não pode.
 27 Eu não sabia como escrever em português as coisas...
 29 ... mas normalmente não há tudo em uma frase.
 44 ... uma palavra que não é verbo.

- 96 16 É não tão... não tão importante... mas...
 36 Porque negação não tão ... é... é... difícil.

- 97 20 É mais fácil pra mim que você não tem essa coisa, ...

98 -----

99 -----

Cont. Entrevista 9

Fita 7 lado B

- 100 04 ... não fazer, em não traduzir, isso não faz.
 101 33 É. Não preciso.
 42 É... coisas que nunca, nunca antes sabia... eu nunca pensei sobre isso.
 102 39 ...Quando não há, quando não é uma ...
 103 02 Não, não é não.
 24 ... Não pode em alemão.
 30 Não, não é...
 104 05 Eu não gosto da linguística e não gosta uma gramática científica.
 11 Ela não posso, ela não pode voltar.

Entrevista 10

Fita 7 lado B

- 104 34 Mas não vi, não vi... a festa da Bonfim.
40 E ele não veio.
- 105 01 ... não sou com raiva, mas... ele não tinha intenção...
02 ... mas ele não quer uma coisa mais ...
03 ... ele não quer uma coisa.
08 Ele não tinha meu telefone.
09 E ele disse você nunca mais telefonar pra mim, por que não?
10 ... e ele não quis caminhar.
11 ... mas eu não encontrei ele
12 Mas eu não consegui ir pra lá.
27 ... e não faz
29 você não precisa fazer tudo em três meses.
31 Eu não quero ir embora agora. Eu não quero.
37 Mas não tão frio agora. ...E eu não posso acreditar que...
43 ... que eles não querem casar, mas ...
- 106 05 ...não tem os documentos e você não... não pode, mas ...
08 ...e não dá. O último jeito foi que a gente não quis de demonstrar os ...
09 ...mas você não pode comprar um apto. sem ver os documentos.
23 Não gosta, não gostam.
33 E ela, a filha, a moça não pode ir sair com ele mais.
- 107 06 ...não vem hoje...
21 ...eu não vi hoje, eu não vi...Ele não veio.
29 Ou: eu não sei dançar.
37 ...porque você não, não pode.

Continuação da Entrevista 10

Fita 8 lado A

- 108 01 E negar todas frases não negar o verbo.
08 Quando você não quer...
13 “eu não tenho namorado
16 “Eu não tenho namorado”
28 Mas você não pode realmente, você não pode traduzir, ...
34 É “não como carne”.
36 Também não tem o artigo em alemão.
37 Também não tem um artigo indefinido.
38 Só que você não pode dizer, você não faça.
41 Existe para você justificar porque você não pode dizer, você não faça...
43 Mas, mas porque você não fala, mas normalmente...
44 Mas às vezes você não usa o artigo indefinido, ...
- 109 02 Não há normalmente artigo indefinido,...
17 ...que não é esse substantivo.
19 Mas você não... porque você não negar o verbo,...
22 Você não negar os verbos porque você come, mas você não come carne.
31 ...os alunos às vezes eles não compreendem porque eles não podem falar com
isso.
44 Não como carne.
- 110 13 Este ah... coisa pra exprimir não há em alemão...
16 Não há.
21 Você não tem uma possibilidade de exprimir ...
- 111 04 ...Quando afinal não parou.
08 Não tem isso. Não tem esse tempo.
21 ...você não viu ele e agora precisa...

- 23 Mas agora também, não acabou.
 28 Porque não há esta coisa na Alemanha,...
 35 ...e eles não tem um tempo composto.

Continuação da Entrevista 10

Fita 8 lado B

- 112 19 ...porque em português você não dizia isto?
 31 ...mesma coisa que o conjuntivo não é a mesma coisa do subjuntivo?
 39 “Eu não faria isso, se fosse... se fosse você.
 113 11 Ah...não falou com você sobre isso.
 114 12 não há, não há.
 36 ...eles não sabem que há substantivo, eles não sabem que há verbos.
 39 ...eles não...eles realmente não podem fazer uma diferença, eles não sabem.
 40 ..você não pode explicar nada, porque pra eles é um milagre o subjuntivo...
 115 03 ...ela nunca foi na Inglaterra.
 20 Fazem uma coisa, não sei...Não posso dizer fazem..., não, não..é.
 30 ...não querem assistir, mas... pra....pra.. por causa do barulho.
 32 ...há pessoas que também não falam alto demais.

Abstract

This work proposes a study in the field of language acquisition, specifically approaching the Negative Concord (NC) present in Brazilian Portuguese. NC includes itself in the negation scope of the Romance languages, being one of the features that differentiates those from the Germanic languages. The theoretical background of this study is provided by the recent developments in Government and Binding Theory and its updated research in L2 acquisition. A syntactic comparison between the two languages involved, Portuguese and German, is done. For BP we adopt the position in favor of a Σ P nucleus, which attracts NegP due to its polarity negative features. As to German, we followed the idea that NegP is adjunct to VP. Two aspects were examined in the languages involved: Neg position and the Negative Concord (NC) presence or absence. It is in relation to those two aspects that the informant's evolution was studied.

Key Words:

1. Second Language Acquisition;
2. Principles and Parameters;
3. Negative Concord.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BERKES, E. (1998). "Negative concord in simple sentences". In: **Actas do oitavo colóquio sobre gramática gerativa**, Palmela, Portugal.
- CORDER, P. S. (1979). **Introducing applied linguistics**. Penguin Books. USA.
- CYRINO, S. M. L. (1988). "O Parâmetro pro-drop e a aquisição da segunda Língua". In: **Semina**, vol. 9, cap. 2:78-89.
- DEPREZ, V. & Pierce A. (1994). "Crosslinguistic evidence for functional projections in early child grammar". In: **Language acquisition studies in generative grammar**. Editado por T. Hoekstra and B. Schwartz. John Benjamins Publishing Co. Amsterdam/Philadelphia.
- EUBANK, L. (1996). "Negation in early German-English interlanguage: more valueless features in the L2 initial state". In: **Second language research** 12, 1, pp.73-106.
- FELIX, S. W. (1987). **Cognition and Language Growth**. Dordrecht. Foris Publications.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. (1996). **A posição sujeito no português brasileiro**. Editora da Unicamp. Campinas, SP, Brasil
- GALVES, C. (1995). "Princípios, parâmetros e aquisição da linguagem"
Cadernos de estudos linguísticos, Campinas, (29):137-152, jul./dez.
- _____ (1994). "Verb movement, levels of representation and the structure of S". **Letras de hoje**. Porto Alegre, v. 29, n. 2, p.35-58, junho.

- GONÇALVES, S. C (1997). **Aquisição do português como segunda língua: O caso das crianças Yuba**. Tese de Mestrado, Unicamp.
- HAEGEMAN, L. (1995). **The syntax of negation**. Cambridge University Press.
- HYAMS, N. (1994). "The Underspecification of Functional Categories in Early Grammar". Palestra apresentada no **Great Britain child Language seminar**". Bangor. Wales.
- JERPERSEN, Otto (1917). "Negation in English and other languages". In: **Selected writings of Otto Jerpersen**. London, G. Allen & Unwin Ltd.
- KATO, M. A. & Raposo E. (1996). "European and Brazilian Portuguese word-order: questions, focus and topic constructions". In: C. Parodi, A. C. Quócoli, M. Saltarelli M. L. Zubizarreta (eds). **Aspects of romance Linguistics**. Washington: Georgetown Univ. Press, pp.267-277.
- _____ (1995). "Raízes não finitas na criança e a construção do sujeito". **Cadernos de estudos lingüísticos**, Campinas, (29):119-136, jul./dez.
- KAYNE, R. (1994). **The antisymmetry of syntax**. The MIT Press. Cambridge. Mass; London, England.
- KROCH A (1994). "Morphosyntactic variation". In: K. Beals et al., eds. Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parassession on Variation and Linguistic Theory.
- MARTINS, A. M. (1997). "Aspectos da negação na história das línguas românicas". In: **Actas dos XII encontro nacional da associação portuguesa de lingüística**. Editado por Ivo Castro.

MEISEL, J. (1997). "The acquisition of the syntax of negation in French and German: contrasting first and second language development". **Second language research**, vol. 13, 3, p.227-263.

_____ (1996) and M.J. Ezeizabarrena. " Subject-Verb and Object-Verb Agreement in Early Basque". In: Harald Clahsen & R. Hawkins (eds). **Generative approaches to first and second language acquisition**. John Benjamins Publishing Co. Amsterdam.

_____ (1997). "The L2 Basic Variety as an I-Language". **Second language Research**, 13.4, p. 374-385.

_____ (1990) and Natasha Müller. " On the Position of Finiteness in Early Child Grammar. Evidence from Simultaneous Acquisition of two First Languages: French and German". In: **15th Boston university conference on language development**.

MIOTO, C. (1991). **Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática**. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, SP, Brasil.

NEGRÃO, E. V. (1998). "Itens negativos em corpus do português brasileiro". USP, ms (inédito).

NUNES, J. M. (1998). " Linearization of chains and phonetic realization of chain links". Unicamp, ms (inédito).

OLIVEIRA, M. (1996). **Respostas assertivas e sua variação nas línguas românicas: seu papel na aquisição**. Tese de Doutorado em Linguística, Unicamp.

OUHALLA, J. (1991). **Functional categories and parametric variation**.

Routledge. London. UK.

PERES, J. A. (1995). "Concordância negativa e visibilidade da negação".

Unicamp. Campinas, SP, Brasil, ms (inédito).

_____ (1995). "Extending the notion of negative concord". Unicamp.

Campinas, SP, Brasil, ms (inédito).

RADFORD, A. (1990). **Syntactic theory and the acquisition of English**

syntax. The nature of early child grammars of English. Basil Blackwell. England.

RIZZI, L. (1988). "The new comparative syntax: principles and parameters

of Universal Grammar". Artigo apresentado 10^o. **Curso de language**

Cognition. Universidade de Hamburgo.

ROBERTS, I. (1995). **Comparative syntax.** University of Wales, Bangor, UK.

SCHMIDT, R. W. & Frota, S. (1986). "Developing basic conversational

ability in a second language: a case study of an adult learner of Portuguese". In:

Talking to learn conversation in second language

acquisition. Rowley, M. A.: Newbury House.

SCHWARTZ B., Eubank L. (1996). "What is the "L2 initial State?". In:

Second language research, vol. 12, number 1, January.

TORRES MORAIS, M.^a A. R. (1995). **Do Português clássico ao português**

européu moderno: Um estudo diacrônico da cliticização e do

movimento do verbo. Tese de Doutorado, Unicamp.

URIBE-ETXEBARRIA, M. (1996). "Levels of representation and negative polarity item

licensing". In: **The proceedings of the fourteenth West Coast Conference on**

formal linguistics, editado por José Carnacho, Lira Choucri & M. Watanabe.

VITRAL, L.(1997). “A negação: teoria da checagem e mudança lingüística”.
Univ. Fed. De Minas Gerais, ms (inédito).

WODE, (1981). “ Language-acquisition universals: A unified view of
language acquisition”. In: **Native language and foreign language
acquisition**. Editado por Harris Winitz. The New York Academy of
Sciences, New York.

ZANUTTINI, R. (1995). “Reflexes of clausal structure in the syntax of
negation”. Artigo apresentado na Unicamp. Campinas, SP, Brasil.